

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE EM CRUZ ALTA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ROSANGELA DA COSTA MAIDANA SILVA

**A INFLUÊNCIA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO
DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE**

CRUZ ALTA

2024

ROSANGELA DA COSTA MAIDANA SILVA

**A INFLUÊNCIA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO
DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE**

Pesquisa apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS.

Orientadora: Profa. Dra. Armgard Lutz

CRUZ ALTA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

S586i Silva, Rosangela da Costa Maidana

A influência do professor de Educação Infantil no desenvolvimento da oralidade / Rosangela da Costa Maidana Silva; orientação: Prof.^a Dr.^a Armgard Lutz. - Cruz Alta/RS, 2024.

64 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Pedagogia (Licenciatura), Cruz Alta/RS, 2024.

1. Oralidade infantil. 2. Escuta sensível. 3. Contextos. I. Lutz, Armgard. II. Título.

ROSANGELA DA COSTA MAIDANA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 27/07/2024

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Armgard Lutz
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Me. Maria da Graça Prediger Da Pieve
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Prof^a Dra. Jussara Navarini
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

CRUZ ALTA

2024

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter conseguido ingressar no ensino superior e por ter sido minha força durante este processo de estudos na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), na unidade de Cruz Alta. Ao meu esposo Emerson que não mediu esforços em tudo que fez para que eu conseguisse dar o meu melhor na universidade, pelas palavras de incentivo, orientações para acalmar-me e ajudar-me a ter paciência com o processo, e sua credibilidade em meu potencial nesta jornada. Aos meus pais, Maria e Amélio que da melhor forma possível estiveram nos bastidores me incentivando a persistir em meu objetivo acadêmico. Às minhas colegas que estiveram juntas tornando este percurso leve, descontraído e de boas memórias. E com toda certeza, sou grata a minha orientadora Prof. Dra. Armgard Lutz, que abraçou meu projeto de pesquisa, me incentivou e mostrou o caminho, esteve ao meu lado, ouvindo, pontuando críticas construtivas que me fizeram refletir sobre meus estudos e a melhor forma de aperfeiçoar minha escrita, meus conhecimentos e práticas como profissional da Educação. A todos os meus professores da licenciatura em Pedagogia, pelas conversas, reflexões, estímulos, críticas e aprendizagens compartilhadas no decorrer do curso.

RESUMO

A pesquisa interrogou em que medida as oportunidades de expressão das crianças, ofertadas na Educação Infantil, favorecem a expansão da oralidade, a organização do pensamento e o letramento? O objetivo geral da pesquisa foi mapear o conjunto de contextos de expressão oral ofertado às crianças, em duas escolas de Educação Infantil e promover contribuições. A metodologia da pesquisa-ação partiu das entrevistas com as professoras e a seguir organizou-se nos seguintes momentos: mapeamento dos contextos mediante protocolo das observações; desenvolvimento de ações estimuladoras da oralidade; o registro e análise dos resultados. O estudo sustentou-se nas perspectivas das múltiplas infâncias, na diversidade e na interculturalidade e contou com as referências de Friedmann (2020); Piaget, na obra de Seber (2002); Sarmiento (2007); Vygotsky (1996), Teberosky (2004) entre outros. Os temas que compuseram a pesquisa têm relação com letramento, jogo simbólico, a escuta sensível, a oralidade a partir de contextos estruturados ou desestruturados, formais e informais, observando a expressão intercultural presente no vocabulário infantil. Os resultados da pesquisa demonstraram que o desenvolvimento da oralidade infantil, pela imitação, é um processo mais lento enquanto que o planejado e ofertado mediante diferentes intencionalidades, em diferentes situações com a mediação do professor, resulta em repercussões positivas na elaboração do pensamento, da linguagem, no letramento e na desenvoltura social e comunicativa e na auto estima das crianças.

Palavras-chave: Oralidade infantil. Escuta sensível. Contextos.

ABSTRACT

The research questioned to what extent the opportunities for children's expression, offered in Early Childhood Education, favor the expansion of orality, the organization of thought and literacy? The general objective of the research was to map the set of oral expression contexts offered to children in two Early Childhood Education schools and promote contributions. The action research methodology started from interviews with the teachers and was then organized into the following moments: mapping the contexts through an observation protocol; development of actions that stimulate orality; recording and analyzing results. The study was based on the perspectives of multiple childhoods, diversity and interculturality and relies on references from Friedmann (2020); Piaget, in the work of Seber (2002); Sarmento (2007); Vygotsky (1996), Teberosky (2004) Wallon, among others. The themes that make up the research are related to literacy, symbolic play, sensitive listening, orality from structured or unstructured, formal and informal contexts, observing the intercultural expression present in children's vocabulary. The results of the research demonstrated that the development of children's orality, through imitation, is a slower process, while planned and offered through different intentions, in different situations with the mediation of the teacher, results in positive repercussions in the elaboration of thought, language, literacy and social and communicative resourcefulness and children's self-esteem.

Key words: Children's orality. Sensitive listening. Contexts

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1 A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NA PRIMEIRA INFÂNCIA	11
2.2 A ESCUTA SENSÍVEL DAS MANIFESTAÇÕES ORAIS INFANTIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	15
2.3 A INFLUÊNCIA DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE INFANTIL	19
3 METODOLOGIA	27
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	29
4.1 EXPERIMENTAÇÕES DA PESQUISADORA	31
4.2 RESULTADOS E DISCUSSÕES	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICES	51
APÊNDICE A- Roteiro da entrevista as professoras	51
APÊNDICE B- Resultados das entrevistas com as professoras – quadro N° 1	51
APÊNDICE C- Dados das observações na EMEI Glênio José Fernandez Pinto – quadro N°2	54
APÊNDICE D- Observações do desenvolvimento da aula realizada na EMEI Glênio José Fernandez Pinto – quadro N°3	54
APÊNDICE D- Observações no momento da acolhida na EEI Mundo da Criança – quadro N°4	57
APÊNDICE D- Observações do desenvolvimento da aula na EEI Mundo da Criança – quadro N°5	57
APÊNDICE E – Ação desenvolvida pela pesquisadora na EMEI Glênio José Fernandez Pinto – quadro No. 6	
APÊNDICE F - Ação desenvolvida pela pesquisadora na EEI Mundo da Criança – quadro no. 7.	
ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

A realidade das crianças que vivem em diferentes países mais desenvolvidos, vem mostrando que, desde tenra idade, elas têm a oportunidade de ouvir e de se comunicar em diferentes idiomas. A realidade brasileira, em especial após a pandemia, vem apresentando dados sobre a oralidade infantil instigadores e preocupantes. Comentários de professores sobre a oralidade infantil revelam que crianças de 5 anos apresentam vocabulário reduzido e expressões orais pouco claras. Esses dados esparsos nos instigam a pesquisar mais a fundo a questão do baixo desempenho oral de crianças que frequentam a Educação Infantil. A preocupação com esse desempenho é relevante uma vez que o desempenho oral desenvolvido desde os primeiros anos está vinculado ao letramento, portanto, é recurso que favorece as interações, a comunicação e expressão e a aprendizagem ao longo do processo de alfabetização.

Sobre a hipótese, supõe-se que, a organização de contextos estruturados, acionam o jogo simbólico infantil bem como a expressão da diversidade cultural ampliando o vocabulário e expandindo a oralidade clara e organizada das crianças que frequentam a educação infantil. Sustenta-se a hipótese ao considerar a realidade da situação dos familiares que trabalham e dispõem de pouco tempo para conversar com as crianças; que planejamentos escolares sem o foco no desenvolvimento da oralidade infantil, constituem-se fatores desfavoráveis ao desenvolvimento da oralidade infantil clara e organizada.

Acredita-se que a relevância deste estudo está pautada no fato de que, com o avanço da tecnologia, a oralidade entre as pessoas diminuiu consideravelmente devido a perda de espaço para o convívio familiar e social com base nas conversações gerando interferência negativa na socialização, nas habilidades interativas e comunicativas e, por conseguinte, no desenvolvimento mental das crianças e no letramento. Por outro lado, considerando que a escola é o local propício às interações, convém investigar quais as condições criadas pelos professores de Educação Infantil a fim de promover as situações dialógicas que oportunizam a expressão oral das crianças e a ampliação do repertório vocabular. Nesse sentido, a hipótese complementar, em relação à escola, é que os tipos de atividades propostas às crianças influenciam no maior ou menor nível vocabular e expressivo das crianças de Educação Infantil. A questão desta pesquisa foi em que medida as oportunidades de expressão e comunicação das crianças, ofertadas na Educação Infantil, favorecem a expansão da oralidade?

O objetivo geral da pesquisa foi mapear o conjunto de contextos de expressão oral ofertado às crianças, em escolas de Educação Infantil evidenciando quais favorecem a expansão da oralidade, organização do pensamento e o letramento. Objetivos específicos: a) identificar

o nível da expressão oral de um grupo de crianças entre 3 a 5 anos; b) comparar a condição inicial e a final, da expressão oral nos aspectos fluência e ganho vocabular, durante dois meses; c) categorizar as oportunidades favoráveis à desenvoltura oral das crianças.

A pesquisa torna-se relevante por oferecer contribuições aos professores no sentido de identificar oportunidades que favorecem a expressão do pensamento infantil por meio da expressão oral e da ampliação do vocabulário. O referencial teórico foi sustentado na perspectiva sócio interacionista, segundo Vygotsky.

A metodologia da pesquisa, de caráter qualitativo, observou as características da pesquisa-ação na qual foram incluídos os seguintes instrumentos: entrevista a duas professoras de duas turmas de Educação Infantil sobre suas concepções relativas ao processo de desenvolvimento da oralidade formal e informal; observação *in loco* da atuação infantil nas interações orais e as provocadas pela professora da turma e a oferta pela pesquisadora de contextos inovadores propícios ao desenvolvimento da oralidade infantil segundo a proposta de pesquisa-ação, ou seja, agir para analisar e na medida do possível, retornar a campo.

O desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso está organizado nos seguintes capítulos: 1. Introdução; 2. Referencial teórico em três partes: 2.1. O desenvolvimento da linguagem na primeira infância; 2.2. A escuta da criança na educação infantil; 2.3. O desenvolvimento da oralidade infantil; 3. Metodologia; 4. Resultados e Discussões e 5. Considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NA PRIMEIRA INFÂNCIA

A influência do professor de educação infantil no desenvolvimento da oralidade é tema relevante diante da concepção vigente entre os adultos de que a aquisição da linguagem na primeira infância acontece sem interferências, sem mediações, ou seja, acontece naturalmente e apenas pela imitação.

O tema teve origem em pesquisas desenvolvidas por cientistas internacionais dedicados a investigações sobre o desenvolvimento mental do ser humano. Os psicólogos soviéticos desenvolveram por longos anos um estudo do desenvolvimento mental relacionando-o intimamente com o desenvolvimento da linguagem (LURIA E YUDOVICH, 1985, p.14). Os teóricos de destaque no tema são os soviéticos Bakhtin, Vygotsky e Wallon.

No contexto das interações sociais, a perspectiva sócio-histórica destaca o conceito de mediação. Desde os primeiros momentos de vida da criança, o desenvolvimento das funções psicológicas superiores é sempre mediado pelo outro que aponta, atribui e/ou restringe os processos de significação da realidade. A elaboração conceitual pela criança não acontece naturalmente. Desde os primeiros momentos da vida, a criança está mergulhada em ambientes em que, pela mediação do outro, revestida por gestos, atos e palavras, vai se apropriando e elaborando o funcionamento da sua realidade cultural em um processo em que a linguagem e o pensamento se articulam. A palavra, com suas qualidades, vai integrando e direcionando as operações mentais.

As primeiras palavras da mãe, ao indicar objetos e nomeá-los, tem uma influência fundamental na formação dos processos mentais da criança. Ao mostrar a função do copo, sem pormenorizar os detalhes do tipo de que material é feito, seu peso e durabilidade, a criança o incorpora como algo permanente e generalizado. A assimilação de uma palavra apresenta relação com tudo que lhe diz respeito. A influência da palavra sobre a criança é reforçada na afirmação: “A palavra influi sobre a criança, enriquecendo e aprofundando imensamente a sua percepção direta e conformando a sua consciência” (LURIA E YODOVICH, 1985, p.12).

Tal como a criança aprende a mamar, mamando; aprende a comer, comendo, ela aprenderá a falar mergulhada nos ambientes onde e quando há falas. A criança aos poucos, com o auxílio das pessoas do entorno, vai compreendendo o que é falado. Ao nascer, a criança não entende o que lhe é dito. Somente aos poucos começa a atribuir um sentido ao que escuta. Do mesmo modo acontece com a produção da linguagem falada. O entendimento e a produção da linguagem falada evoluem. Existem diferentes tipos de linguagem: a corporal, a falada, a escrita

e a gráfica, e a criança lança mão de diferentes recursos para se fazer entender e reproduzir as linguagens dos outros.

O desenvolvimento da linguagem se divide em dois estádios (ELANE et.al, 2007, p.1): pré linguístico, quando o bebê usa de modo comunicativo os sons, sem palavras ou gramática; e o linguístico, quando usa palavras. No estágio pré linguístico a criança usa o choro para se comunicar, podendo ser rica em expressão emocional. Logo ao nascer o choro é indiferenciado, porém, atualmente há estudos que esclarecem o sentido de cada tipo de choro, o que contribui com as mães no esforço de compreender o que se passa com o bebê, se está com fome, com cólica, desconforto, por querer colo, etc. Além do choro, a criança começa a produzir o arrulho, que se assemelha ao arrulho dos pombos. O balbucio ocorre de repente, por volta dos 6-10 meses, e caracteriza-se pela produção e repetição de sons de consoantes e vogais como “ma-ma-ma”, pa-pa-pa, que muitas vezes é confundido com a primeira palavra do bebê. No desenvolvimento da linguagem, os bebês começam imitando casualmente os sons que ouvem, através da ecolalia. Porém, os bebês com problema de audição não evoluem para além do balbucio, já que não são capazes de escutar.

A fala linguística inicia geralmente, no final do segundo ano, quando a criança pronuncia a mesma combinação de sons para se referir a uma pessoa, a um objeto, a um animal ou um acontecimento. Por exemplo, se a criança disser “apo” quando vir a água na mamadeira, no copo, na torneira, no banheiro etc., podemos afirmar que ela já está falando por meio de palavras. A expectativa é que aos 18 meses a criança tenha um vocabulário de aproximadamente 50 palavras. Na fase inicial da fala linguística a criança costuma dizer uma única palavra, atribuindo a ela, no entanto, o valor de frase. Por exemplo, diz “ua”, apontando para a porta de casa, expressando um pensamento completo: quero ir pra rua. Essas palavras com valor de frases são chamadas holofrases. A partir desse ponto, acontece uma “explosão de nomes” e o vocabulário cresce muito (ELANE et.al, 2007).

Aos 2 anos espera-se que as crianças sejam capazes de utilizar um vocabulário de mais de cem (100) palavras. Entre os 2 e 3 anos as crianças começam a adquirir os primeiros fundamentos de sintaxe, começando a se preocupar com as regras gramaticais. Usam, para tanto, o que chamamos de super regularização, que é uma aplicação das regras gramaticais a todos os casos, sem considerar as exceções, exemplo disso é quando a criança diz “eu fazi” ou a criança quer comprar “pães”, trazê-los nas “mães”. Aos 6 anos a criança fala utilizando frases longas, tentando utilizar corretamente as normas gramaticais.

A oralidade é uma particularidade inerente ao ser humano e tem uma relação poderosa com o pensamento por isso, é um dos eixos norteadores da ação pedagógica com crianças. Como esclarece a autora (OLIVEIRA et al: 2011; p. 47): “A interação da criança desde ao

nascer transforma interiormente sua forma de pensar atuando em seu meio, modificando sua forma de pensar”. Nesse sentido a comunicação oral, torna-se uma das mais importantes formas de expressão, seja a oralidade formal ou informal, pois oportuniza às crianças uma expressividade da sua língua. Mesmo sendo uma especificidade dos seres humanos possuir a genética de poder falar, ela só irá ocorrer e se desenvolver se existir interações entre os falantes.

Na realização de seus estudos, Vygotsky (2003) descreve etapas do desenvolvimento da intelectualidade: a etapa da pré oralidade do pensamento quando há a predominância de uma inteligência prática, ou seja, não tem a presença da oralidade. Exemplo dessa etapa é quando um bebê quer pegar um objeto que está em cima da mesa, ele simplesmente puxará a toalha para assim trazê-lo para perto. A resolução do problema é na ação prática, sem planejar, portanto, evolui sem que houvesse uma linguagem falada. Outra etapa é a da oralidade intelectual e o pensamento verbal: nesta etapa as crianças já conseguem pensar usando palavras, representando o mundo por conceitos, verbalizando os seus pensamentos. Já conseguem nomear animais, pessoas, objetos entre outros, o adulto tem um papel fundamental de interação, que pode ser realizada por meio de jogos, brincadeiras e diálogos. A criança aprende a indagar, interpretar e organizar sua fala por meio de palavras. Compreende-se que o pensamento e a linguagem se interligam, o pensamento é a maneira verbal e a fala já é racional.

O autor (VYGOTSKY, 2003) afirma que há três níveis de aprendizagem e desenvolvimento da criança: o da zona de desenvolvimento potencial, zona de desenvolvimento real e zona de desenvolvimento proximal. A zona de desenvolvimento potencial é aquela, em que não se espera da criança mais do que ela pode oferecer; a zona de desenvolvimento real é a fase em que a criança consegue realizar as coisas sozinhas e a zona de desenvolvimento proximal a criança só realiza alguma coisa com a ajuda do outro. Partindo desses pensamentos, observa-se que a aquisição da linguagem oral é um processo de apropriação que ocorre com a presença do outro, nessa interação as crianças iniciam sua fala, ampliando seu vocabulário e consequentemente lhe ajudará nos problemas que irão aparecer ao longo do tempo.

Em 1929, Vygotsky demonstrou que a criança, entre 4 e 5 anos, ao enfrentar algum tipo de problema, se expressa externamente e em voz alta, reproduz a situação e apresenta como pretende resolver. Ao contrário de Piaget, Vygotsky não caracteriza essa fala como linguagem egocêntrica afetiva, mas sim, a mobilização da linguagem como mediadora na conduta, “através da mobilização de conexões verbais que ajudem a resolver um problema difícil” [...] “Suas observações mostraram que a criança fala primeiro em voz alta para si mesma, mas sua fala se enfraquece pouco a pouco, converte-se num sussurro e acaba, afinal, em fala interna” (LURIA E YODOVICH, 1985, p. 18).

Segundo a autora Strahovski (2016), a contribuição de Piaget é que para acontecer o desenvolvimento da inteligência das crianças é essencial a estimulação à expressão emocional, corporal e social, por meio de suas explorações, observações, experimentações, manipulações de objetos, inter-relações, em meio a isso, se desenvolverão as habilidades orais através das vivências no contexto social no qual estão inseridas.

2.2 A ESCUTA SENSÍVEL DAS MANIFESTAÇÕES ORAIS INFANTIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Estudar sobre o desenvolvimento da oralidade infantil na Educação Infantil, envolve vários subtemas e entre eles, um de suma importância, é a complexidade e a sensibilidade do educador com e para a escuta do que as crianças têm para dizer, estão dizendo e querendo dizer.

A escuta é preenchida por intencionalidades, ou seja, só escuta uma criança o educador que a compreende como sujeito de direitos, com uma história diferente da história dos seus colegas; sujeito com sensações e experiências que ainda não sabe nominar e mergulhado em culturas diversas. Em resumo, a escuta da criança tem relação direta com a concepção de criança vivenciada pelo educador. Portanto, o educador que faz da escuta uma ferramenta da docência, assume a atitude de interpretar cada uma das crianças e por essa via, trilha o caminho para o desenvolvimento infantil, sem homogeneizar.

A escuta pelo educador das manifestações infantis, movida por constantes intencionalidades tais como a acolhida, a inclusão, o reconhecimento da história de vida da criança, o uso vocabular, as influências interculturais, mais do que um ensaio improvisado, faz toda a diferença na constituição da oralidade infantil bem como no desenvolvimento integral. Segundo Chanan (2020, p.1):

Viver o cotidiano sensível com bebês e crianças é estar presente, inteiro, disponível, atento, curioso, interessado, em busca. Aberto ao inesperado, as sutilezas, as miudezas, as metáforas e a tantas outras especificidades de ser educador(a) da infância. Maravilhar-se com a potência das crianças que nos ensinam diariamente.

A escuta é um elemento inseparável da observação. Porém, como defendemos nos parágrafos anteriores não é qualquer escuta. A escuta atenta é também afetiva. Em relação a escuta atenta, o destino do que se colhe com a escuta tem relação com os registros, com o processo participativo das crianças como peças importantes nas pesquisas e por acréscimo, com a escuta que levanta dados para o planejamento de projetos segundo interesses e necessidades das crianças.

O despontar da prática dos “registros” como ferramenta essencial da docência e ponto de partida para organização de condições de construção de conhecimentos pelas crianças, traduz algo fundante que é a associação entre a escuta e a observação. A escuta é outra forma de olhar e a observação se completa com a escuta já que a fala, mais do que nomeia, traduz, convence, mostra, interroga. Para Chanan (2020, p.1), a escuta não é uma receita que se ensina a um professor de educação infantil, e justifica: “É um exercício, uma construção, que envolve estudo, tempo, silêncio, pergunta, troca, continência. Um estado de ser, uma abertura ao outro

que acontece na prática e com todos os sentidos. Dar valor e visibilidade ao outro e, conseqüentemente, a si mesmo.”

Outro viés cabe aqui aprofundar: a escuta como pesquisa com as crianças. O sentido de escuta vai além da escuta com ouvidos assim como não há observação apenas com os olhos (FRIEDMAN, 2020, p. 131). A autora esclarece que os processos de escuta e observação envolvem todos os sentidos e usando a metáfora da espiral, a autora demonstra a complexidade da escuta:

Usemos a imagem de uma espiral: em cada curva descendente, passamos por diversos níveis de escuta, que vão se aprofundando. Essa imagem diz respeito a essas diversas camadas que dependem do ser humano que está ali se conectando a outros a partir de histórias, personalidade e psique de cada um.

A autora aprofunda o debate sobre as camadas da escuta a começar pela definição da palavra “escuta” do latim *auscultare* que significa escutar com atenção. A autora defende que a escuta é um mergulho no universo do outro e que se trata de uma aprendizagem em especial quando a escuta é de crianças. Complementa a autora (FRIEDMAN, 2020, p.132):

Posso escutar o olhar do outro, a poesia do outro, a música do outro, o corpo do outro, seu brincar, sua arte, seus gestos e seus olhares. Também suas inseguranças, seus medos, suas verdades, suas desconfianças, seu desconforto. A escuta poder trazer descobertas, alegrias, aprendizagens, emoções inesperadas, insights, possibilidades de transformação. E incômodos: silêncios, o não saber, espera, brechas, estranhamentos e desconfortos.

Escutar o outro potencializa a aprendizagem e conseqüentemente beneficia-se quem mantém-se a escutar e observar, justamente para que assim haja um diálogo coerente entre pessoas adultas com crianças e crianças com crianças. Obtendo um grande avanço na descoberta de novas palavras e conhecimentos.

No Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 31) há orientações didáticas sobre a autoestima da criança nesse processo de construção da fala:

A autoestima que a criança aos poucos desenvolve é, em grande parte, interiorização da estima que se tem por ela e da confiança da qual é alvo. Disso resulta a necessidade de o adulto confiar e acreditar na capacidade de todas as crianças com as quais trabalha. A postura corporal, somada à linguagem gestual, verbal etc., do adulto transmite informações às crianças, possibilitando formas particulares e significativas de estabelecer vínculos com elas. É importante criar situações educativas para que, dentro dos limites impostos pela vivência em coletividade, cada criança possa ter respeitados os seus hábitos, ritmos e preferências individuais. Da mesma forma, ouvir as falas das crianças, compreendendo o que elas estão querendo comunicar, fortalece a sua autoconfiança.

Acolhendo essas informações, entende-se que esta construção de confiança da criança em si mesmo é um processo que envolve tanto avanços quanto fracassos, portanto é necessário que o adulto escute com atenção o que ela falar. Assim, ao se sentirem frustradas, expressarão emoções como vergonha e medo, como também ao se sentirem vitoriosas, expressarão entusiasmo e desejarão desafiarem-se mais vezes, então cabe ao adulto ativar sua percepção de escuta ativa quando as crianças precisarem de apoio e compreensão, contudo, saberão apoiá-las, cuidá-las e ajudá-las dando-lhes suporte neste processo.

Na Educação Infantil, as condições para a potencialização da oralidade das crianças estão nos espaços pensados à provocação das expressões comunicativas garantindo que haja o desenvolvimento contínuo e progressivo. Essas condições têm como ponto de partida o espaço à escuta atenta e sensível da fala infantil. O espaço da escuta atenta e sensível da fala infantil traz indicadores culturais e interculturais que, segundo Sarmiento (2007), permitem analisar a ação das crianças e a sua relação com os outros e com o mundo. Esses indicadores favorecem a criação de novas oportunidades estimuladoras da oralidade considerada o caminho para ampliar a participação das crianças no meio social, proporcionando o desenvolvimento da fala, expressão e socialização. Essa escuta afetiva e delicada abre espaço e estimula o protagonismo da criança, possibilitando que ela tenha voz e permita que se expresse livremente em seu ambiente.

Destaca-se que a atenção aos caminhos que as crianças mesmo propõem, reflete na maneira como cada pessoa aprende o processo de escuta. Rinaldi (2008, p.236) descreve que “A escuta é gerada por curiosidade, desejo, dúvida e incerteza. Não se trata de insegurança, e sim da tranquilização que toda “verdade” só é se tivermos consciência de seus limites e de sua possível falsificação”. Sendo então necessário este desenvolvimento da habilidade da escuta para que haja compreensão a fim de interpretar o que está sendo falado, construindo argumentos significativos para diálogos em ambientes na qual esteja inserida.

A autora descreve um tópico sobre crianças como ouvintes:

A capacidade de escutar e retribuir expectativas é uma importante qualidade, permitindo a comunicação e o diálogo, além de compreender e apoiar demandas. Na verdade, ela sobeja em crianças pequenas, que são as maiores ouvintes do mundo ao seu redor. Elas escutam a vida em todas as suas formas e cores. Elas escutam os outros – adultos e pares. Elas rapidamente percebem como escutar é essencial para a comunicação. (RINALDI, 2008, p. 238)

Por isso, saber e aprender a escutar é tão importante, e os adultos deveriam saber ensinar esta escuta, justamente para que possam saber conduzir as crianças de forma significativa ao contexto da sociedade. Não é uma tarefa fácil, mas dessa forma há como abrir caminhos para

questionamentos e tomadas de decisões sobre saber quem somos, o que queremos e como realizar tal desafio.

A autora também descreve outro tópico, direcionado aos professores:

A tarefa dos educadores não se restringe a permitir a expressão das diferenças, mas também a possibilitar que elas sejam negociadas e promovidas por meio do intercâmbio e da comparação de ideias. Dessa forma, a criança não aprende apenas a aprender, mas também como o grupo torna-se consciente de si como um “local de ensino”, onde as linguagens são enriquecidas, multiplicadas, refinadas e geradas, de modo que colidem se hibridizam e se renovam. (RINALDI, 2008, p. 238).

Convém que o professor e familiares aprendam a escutar com responsabilidade e disponibilidade, tornando-se chave principal no desafio que a criança terá, assumindo-se como os mediadores sensíveis e preocupados para que aconteça com a criança uma escuta clara, curiosa, atenta, para gerar nela conseqüentemente um vasto repertório de palavras em seu vocabulário para dialogar na sociedade em que está, da que fará parte e na que conhecerá ao longo da vida.

Portanto, este é um caminho sensível, de responsabilidade e compreensão para desenvolver e possibilitar às crianças as interpretações, argumentos e questionamentos que farão parte de sua trajetória de vida e da capacidade de se expressar oralmente de forma a ser compreendida.

2.3 O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE INFANTIL: mediações e oportunidades criadas pelo educador

Neste capítulo toma-se a mediação como ponto chave, discutindo a variedade de oportunidades a serem proporcionadas no ambiente escolar em prol da capacidade comunicativa das crianças e da organização do pensamento. Desenvolve-se uma linha de pensamento à organização do professor a fim de ir construindo a influência significativa no desenvolvimento da oralidade infantil sem deixar de lado a escuta sensível e as constantes mediações.

O ponto de partida é o levantamento das expressões mais utilizadas pelas crianças e até que ponto elas são reflexos culturais. A conduta dos registros sistemáticos pelo professor do vocabulário e expressões infantis traduz a capacidade do professor assumir a faceta de pesquisador e ter em mãos valiosas referências para ampliar as capacidades e habilidades expressivas infantis.

Após o período da pandemia, os efeitos desse tempo em que as crianças permaneceram em casa e em contato mais direto com os familiares, trouxeram a nítida diferença na oralidade entre as crianças da classe média e as crianças das famílias menos favorecidas economicamente.

As crianças oriundas de ambiente familiar estimulante, rico em materiais impressos e com a presença de adultos dispostos a escutar, perguntar e responder, apresentaram oralidade mais desenvolvida. Em outra direção, as crianças de famílias de baixa renda, possivelmente também com baixa escolaridade, encontraram pouca convivência com adultos que as integraram nas conversações por conta de terem que deixá-las sozinhas, com irmãos mais velhos ou em outras situações que se desconhece. Nesses casos, o silenciamento e a baixa frequência das expressões orais, provocam a escola a assumir uma responsabilidade pedagógica profunda na oferta de materiais, de experiências e de interações.

As ações do professor no processo de desenvolvimento da oralidade adquirem significação a partir de aulas planejadas e focadas na oralidade. Nesse sentido, uma rotina dialógica apelando à participação das crianças por meio da introdução de brincadeiras que necessitam de diálogos e de desafios, proporcionarão às crianças momentos de interação pela fala, potencializando o vocabulário e a clareza da comunicação interativa. Além disso, as condições lúdicas favorecem a compreensão de como interagir e argumentar ampliando as habilidades, aprendizagens e desenvolvimento.

A justificativa para assumir o desafio de desenvolver a oralidade não se resume a apenas estimular a fala como também, aprender a antecipar e planejar o que se quer dizer. Para que a

oralidade seja usada cada vez mais e da melhor forma, convém trabalhá-la diariamente com base em diferentes temas, contextos e interlocutores.

A escola, na perspectiva de comunidade de aprendizagem¹, estará atenta ao desenvolvimento dessa habilidade, potencializará e criará estímulos à comunicação verbal não apenas na sala de aula, mas nos demais ambientes como no refeitório, no pátio, na brinquedoteca, nos corredores, nos “cantos” criados na sala de aula ou na biblioteca. A escola conta com diferentes profissionais que podem ser instigados a participar de momentos de conversações com as crianças. Por isso, convém distinguir os momentos formais e informais.

As rodas de conversa podem ser informais quando o professor favorece que as crianças se expressem livremente sobre experiências externas ou pode se tornar formal quando o professor faz uma proposição a respeito de uma notícia da comunidade, a respeito de uma receita que será feita, a apresentação de uma tarefa indicada anteriormente ou a presença de um visitante que trará alguma informação ou será entrevistado.

As situações formais, portanto, são aquelas em que as crianças se dirigem a outros interlocutores que não os seus colegas, mas que pode ser outra turma para quem irão ensinar uma técnica vivenciada ou narrar uma história que dominam.

Uma prática comum nas escolas Reggio Emilia² (Itália) é montar exposições dos trabalhos realizados sobre uma temática e as próprias crianças tornam-se guias para explicar o processo para turmas visitantes. Significativo é reportar sobre a confecção de álbuns das atividades das crianças, por professores de uma creche e que foram entregues aos pais, porém com a presença da criança. A criança, ao folhear o álbum, relatava aos pais o significado de cada registro. Esta é uma situação muito significativa tanto para criança como aos familiares e a expressão oral torna-se autêntica em especial pelo protagonismo da criança (GANDINI; EDWARDS, 2002).

Ao longo de toda a Educação Infantil serão desenvolvidas e aperfeiçoadas competências como a de recontar histórias; elaborar perguntas; declamar poesias; cantar músicas, brincar com as palavras presentes na tradição oral como as parlendas; participar de dramatizações; relatar acontecimentos do próprio cotidiano ou de outras pessoas; participar de planejamentos; de críticas e avaliações; participar de jogos e criar frases para torcida ou gritos de guerra.

¹ A perspectiva da “comunidade de aprendizagem” também conhecida como comunidade de aprendizagem dialógica, mobiliza toda a comunidade escolar interna e externa na tomada de decisões educacionais. É mobilizada por 7 princípios: diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, dimensão instrumental educacional, solidariedade, criação de sentidos.

² As escolas municipais de Reggio Emilia, na Itália, segundo Malaguzzi, o inspirador da proposta, o processo pedagógico deve ter como centro o desenvolvimento intelectual, emocional, social e moral das crianças. Atualmente há 13 creches e 21 escolas municipais.

O rico relato desenvolvido por Silva (2009) atesta o processo de inclusão de crianças de zero a 3 anos por meio da prática pedagógica da roda de conversa. Defende a ideia de desenvolver a oralidade tendo por ponto de partida ouvir e contar histórias, provocar a imitação de animais, cantar músicas com destaque para a roda de conversa provocativa:

[...] as crianças pequenas, mesmo não tendo a linguagem oral muito elaborada, conseguem contar e ouvir experiências dos coleguinhas e vão percebendo as diferenças existentes entre elas e as demais pessoas. As conversas de roda tornam-se importantes à medida que contribuem para o aumento do vocabulário, para a união do grupo e para a construção do respeito entre seus membros. (SILVA, 2009, p. 90).

A experiência da professora foi enriquecida ao definir um lugar apropriado para a reunião das crianças para os momentos de roda de conversa assim como a definição de uma música chamativa, relacionada com a roda. A música “Roda, roda, roda, pé, pé, pé... ao ser entoada gerava reação imediata das crianças para se reunirem. A educadora destaca que no início dessa prática, de rodas de conversa silenciosas e de expressões em voz baixa, houve uma transformação: as crianças disputavam os momentos de fala e criaram novas formas de chamar para si a atenção da educadora.

A educadora relata um jogo em que a autoestima positiva foi alimentada: um carrinho tornou-se o elemento integrador quando a educadora indicava para qual criança o carrinho chegaria, por exemplo: - Agora o carrinho vai para a motorista que está usando brinco de bolinha...E a turma adivinhava para qual criança ele iria. A criança, ao perceber que é dela que se fala, sente-se valorizada e parte do grupo. Destaca a educadora a importância de, ao valorizar as falas infantis, estabelecer elos entre uma fala e outra. Conclui que se trata de uma proposta de lutar e construir a cidadania.

Compreende-se que as crianças desenvolvem suas habilidades da linguagem na interação com o outro, por meio do lúdico, constituindo-se como autor de suas ideias e expressões. Portanto, os espaços da Educação Infantil, ao serem instigadores, quantificam e qualificam o número de crianças falantes em direção a propostas significativas. Além disso, o profissional desta fase deve estar sempre em busca do novo que dará suporte positivo para seus alunos. Ele deve mediar situações que farão seus alunos desenvolverem a fala na perspectiva do ambiente. Soares (2020) afirma que a socialização da criança com o outro e o mundo fará desenvolver habilidades, principalmente a da fala:

Mas é pela interação entre seu desenvolvimento de processos cognitivos e linguísticos e a aprendizagem proporcionada de forma sistemática e explícita no contexto escolar que a criança vai progressivamente compreendendo a escrita alfabética como um sistema de representação de sons da língua (os fonemas) por letras – apropria-se, então, do princípio alfabético (SOARES, 2020, p.51).

Lazaretti (2021, p. 175) argumenta que “é preciso, porém, analisar o desenvolvimento da fala na essência, caminhando para além daquilo que é sensorialmente percebido”. Dessa forma, cabe ao professor observar as habilidades de seus educandos e estar em constante aperfeiçoamento em suas práticas, tendo um ambiente aconchegante e desafiador, para que seus alunos possam aperfeiçoar a linguagem. Para a autora o meio no qual as crianças estão inseridas, deve ser de muito interesse e serem ofertadas técnicas variadas para que a imaginação possa fluir e suas habilidades de fala se desenvolverem.

O estímulo à brincadeira simbólica favorece grande diversidade de diálogos do adulto com as crianças tanto quanto, entre as crianças. Portanto, observa-se que o professor precisa propor possibilidades significativas, conforme vai conhecendo a realidade da fala das crianças, levando em conta as particularidades de seus alunos e atribuindo em suas práticas pedagógicas, meios pelos quais as crianças possam ser protagonistas nesse processo. Cabe ao professor aproveitar a capacidade de representação das crianças quando, ao brincar de faz de conta que é mãe e repreende o filho, por exemplo, que ela entenda essa assimetria e valorize o adulto.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI) (BRASIL, 1998, p. 48-49):

[...] as diferentes aprendizagens se dão por meio de sucessivas reorganizações do conhecimento, e este processo é protagonizado pelas crianças quando podem vivenciar experiências que lhes forneçam conteúdos apresentados de forma não simplificada e associados a práticas sociais reais. É importante marcar que não há aprendizagem sem conteúdo [...]. Nesta perspectiva, este Referencial concebe os conteúdos, por um lado, como a concretização dos propósitos da instituição e, por outro, como um meio para que as crianças desenvolvam suas capacidades e exercitem sua maneira própria de pensar, sentir e ser, ampliando suas hipóteses acerca do mundo ao qual pertencem e constituindo-se em um instrumento para a compreensão da realidade. Os conteúdos abrangem, para além de fatos, conceitos e princípios, também os conhecimentos relacionados a procedimentos, atitudes, valores e normas como objetos de aprendizagem.

A ênfase do RCNEI aos diferentes objetos de aprendizagem tais como fatos, conceitos, princípios, procedimentos, atitudes, valores e normas, abrange amplo universo de possibilidades a serem ofertadas às crianças. Compreende-se que fazer uso dos muitos recursos disponíveis na sociedade, favorece à criança, desde pequena, entender como funciona a realidade e quais os efeitos da sua fala. A criança não nasce com a fala, mas nasce com a capacidade da fala e cada som, cada expressão, significada pelo educador, favorece a expansão dialógica. Por isso, a atitude ativa e afetiva do educador para organizar oportunidades para as

crianças expressarem seus desejos, suas necessidades e suas ideias sobre como o mundo funciona, contribui às sucessivas reorganizações do conhecimento.

O professor, ao organizar contextos com múltiplos objetos e condições para relacioná-los, apresentará palavras referentes aos nomes dos objetos e dos efeitos entre objetos e fenômenos, por exemplo, entre um lenço de seda ou de tule e o vento; entre um saco plástico vazio e o vento. Essas relações de formação da atenção ativa favorecem a ativa participação da palavra, o desenvolvimento da memória por meio da palavra que passa a ser memorização ativa e voluntária. Seguindo a mesma linha de raciocínio, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, descreve:

[...] o contato com o maior número possível de situações comunicativas e expressivas resulta no desenvolvimento das capacidades linguísticas das crianças, uma das tarefas da educação infantil é ampliar, integrar e ser continente da fala das crianças em contextos comunicativos para que ela se torne competente como falante. (BRASIL, 1998, p. 134)

Portanto, pode-se afirmar que a criança precisa participar de situações e em contextos variados para explorar e interagir cada vez mais e desenvolver comunicações em seu meio social.

Para Espindola e Nogueira (2022), a leitura e a escrita estão presentes desde a Educação Infantil, sem que haja um ensino mecanicista. A linguagem escrita se fez presente em um contexto de interações, brincadeira e encantamento, ou seja, em um contexto de letramento. Portanto, é por caminhos dinâmicos, que o professor conseguirá ter resultados linguísticos de seus educandos, pois somente o adulto proporcionará a estas crianças desenvolvimento da fala, pois estão em constante observação do outro, e o outro faz-se importante para que possam aprender e descobrir suas habilidades e dificuldades neste processo que se torna mágico se bem explorado.

A linguagem oral bem estimulada, com intuito de oportunizar aos alunos um perfil curioso e investigativo, desenvolverá o destravamento da fala e das palavras, contudo o professor deve estar atento, transmitir confiança e organizar o espaço para que assim seus alunos desenvolvam suas habilidades de oralidade (SESTARI, 2022). Dessa forma, o professor de Educação Infantil deve ser dinâmico, com olhar de cuidado, usar didáticas que farão seus alunos se tornarem protagonistas de suas ideias, para que haja evolução gradativa na linguagem dos mesmos para compreensão da importância de sua comunicação na sociedade em que estará inserida. Partindo desses conhecimentos, o professor contribuirá com a criança oferecendo

novos sentidos às palavras, contextualizando-as em consonância com o que está presente em seu meio social e cultural.

Segundo Vygotsky (1996, p. 104), descreve-se o significado e sentido no processo de linguagem:

O significado das palavras é um fenômeno do pensamento apenas na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno da fala na medida em que esta é ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele. É um fenômeno do pensamento verbal, ou da fala significativa – união da palavra e do pensamento.

O autor esclarece as diferenças entre significado e o sentido. O significado é fundamental pois é nele que o pensamento e a linguagem se unem. Já o sentido tem relação com as experiências pessoais, quando um grupo de pessoas atribuem significações diferentes às palavras.

O início da fala da criança geralmente se dá por meio de gestos para expressar o que pensa, como escreve (GALVÃO, 1988 apud Wallon 1981, p. 189), “o gesto precede a palavra e depois é acompanhado por ela antes de a acompanhar, para enfim se reabsorver mais ou menos nela.” Neste sentido, entende-se que a criança é pura emoção e precisa estar envolvida não apenas no uso de gestos, mas interessada no que lhe é proposto pelo adulto no meio no qual esteja inserida. O diálogo constante na rotina da criança beneficiará para que haja essa percepção de fala, pois o uso da língua oral fará ela não apenas saber se comunicar, mas ensinará a saber ouvir e respeitar a opinião do próximo. As ações educativas tornam o processo mais eficaz ao propiciar situações dinâmicas e envolventes.

É na Educação Infantil que ocorre o primeiro contato da criança com a experiência escolar e engloba a importante fase da vida até os 5 anos de idade. Dessa forma, ela proporciona o desenvolvimento integral do indivíduo em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social. Nesta fase há a possibilidade de potencializar a autonomia de interagir, questionar, comunicar-se, resolver problemas e refletir, de acordo com o Referencial Curricular para a Educação Infantil, descreve que: [...] quanto mais as crianças puderem falar em situações diferentes, como contar o que lhes aconteceu em casa, contar histórias, dar um recado, explicar um jogo ou pedir uma informação, mais poderão desenvolver suas capacidades de maneira significativa (BRASIL, 1998, p. 121).

Através desse pensamento podemos observar que a linguagem oral bem estimulada na Educação Infantil proporciona às crianças desenvolvimento oral com positividade e aperfeiçoamento ao longo do período escolar e social. Segundo Chaer e Guimarães (2012, p. 03) a oralidade é fundamental em nossa vida para desenvolvimento no meio social:

Expressando-se oralmente, a criança amplia seus horizontes de comunicação, exercita o pensar, socializa-se, organiza a sua mente, interpreta o mundo, expõe ideias, debate opiniões, expressa sentimentos e emoções, desenvolve a argumentação, comunica-se com facilidade, além de se preparar para um futuro profissional no qual ela seja capaz de expressar em público seus conhecimentos e ideias. Deste modo, o desenvolvimento da oralidade significa para ela uma habilidade imprescindível para o convívio social nas mais diversas instâncias.

Em um ambiente preparado e apropriado as crianças terão possibilidades de discutirem, falarem e manifestarem suas habilidades livremente, podendo gradativamente aumentar a quantidade de palavras, iniciando o processo da formação de frases.

No decorrer dessa vivência, as trocas verbais serão criadas e a linguagem vai sendo enriquecida. Uma dessas formas é a importância do brincar para criar imaginações como defende Souza (2018, p. 10) ao afirmar que:

Quando a criança inicia a construção do faz de conta ela passa a utilizar e definir para os objetos outras funções além daquelas que se percebe, um exemplo é quando ela brinca com um cabo de vassoura acreditando ser um lindo cavalo. Esse processo de construção da brincadeira e da imaginação traz para a criança consequências importantes para o seu desenvolvimento, ao entrar no mundo do faz de conta ela faz uma separação dos campos de percepção e da motivação, já que há muitas vezes simulação de ações em que materiais são utilizados para significar outro.

A autora descreve que as crianças despertarão a imaginação através do brincar e conseqüentemente sua fala fará parte deste processo se estimuladas em espaços ricos de possibilidades desafiadoras para que aos poucos tornem-se capazes de terem a capacidade de acrescer o vocabulário durante suas brincadeiras, percebendo assim o ambiente em que está inserida. Destaca-se a importância de que os adultos, ao conversarem com as crianças, tenham cuidado ao falar com elas, o falar corretamente dará a elas facilidade de aprender, ao invés de fazer imitações ou infantilizar a forma como as crianças falam. Pois, segundo o RCNEI:

Uma das tarefas da educação infantil é ampliar, integrar e ser continente da fala das crianças em contextos comunicativos para que ela se torne competente como falante. Isso significa que o professor deve ampliar as condições da criança de manter-se no próprio texto falado. Para tanto, deve escutar a fala da criança, deixando-se envolver por ela, resignificando-a e resgatando-a sempre que necessário (BRASIL, 1998, p. 135).

Reforçando as colocações acima, Vygotsky, na releitura de Rego (1995), considera o brinquedo uma importante fonte de promoção de desenvolvimento. O termo "brinquedo", empregado por Vygotsky refere-se mais especialmente ao jogo de papéis ou à brincadeira de "faz-de-conta" (como por exemplo, brincar de polícia e ladrão, de médico, de vendinha, etc.). Este tipo de brincadeira é característico nas crianças que aprendem a falar e que, portanto, já são capazes de representar simbolicamente e de se envolver numa situação imaginária. Para

Rego, “a atuação no mundo imaginário e o estabelecimento de regras a serem seguidas criam uma zona de desenvolvimento proximal na medida em que impulsionam conceitos e processos em desenvolvimento” (1995, p. 83).

Outro campo de atuação do professor para o desenvolvimento da oralidade vinculada ao letramento é apontado por Kleiman (2009). A autora traz resultados das pesquisas do grupo de Estudos do Letramento e reforça que um processo significativo do desenvolvimento infantil deve partir de um interesse real da vida das crianças; ter origem em algo que as crianças não gostam como também surgir de um conflito ou problema a ser resolvido. Um projeto de letramento, desde tenra idade, envolve ações diversificadas em que a fala, a visualização de imagens, as escutas, as artes, envolverão as crianças na comunicação.

Finalizando, compreende-se que é necessário cuidados durante a comunicação com as crianças, pois este processo de desenvolvimento oral é delicado para elas, visto que estão sempre observando tudo e a todos para reproduzirem e desenvolverem a conversação e compreendendo o que falam. Em um ambiente preparado e apropriado, as crianças terão possibilidades de discutirem, falarem e manifestarem suas habilidades livremente.

Portanto, deve-se reconhecer que a fala é básica na vida e essencial para o ser humano. O profissional dessa área precisa ser o responsável por esse processo durante o período escolar na Educação Infantil, podendo utilizar-se de muitos recursos criativos, diferentes e com foco na oralidade, assim, possibilitando a seus educandos práticas que promoverão a capacidade comunicativa, oferecendo a eles oportunidades para falarem mais e melhor.

3 METODOLOGIA

Considerando a temática em discussão, considerou-se apropriado adotar a metodologia da pesquisa-ação, segundo Morin (2004). O objetivo de uma pesquisa-ação envolve teoria e ação. O autor esclarece que a pesquisa-ação é diferente de outras pesquisas qualitativas pois é “repleta de ciclos de reajuste para uma reflexão e uma ação mais esclarecidas” (MORIN, p. 114, 2004). Dentro de uma pesquisa-ação primeiramente, toma-se conhecimento da realidade, planeja-se a ação, experimenta-se o planejado, observa-se e descreve-se os resultados. Finalizando, avalia-se os resultados e pode-se voltar à ação a fim de qualificar a prática. Trata-se de um aprendizado sobre a prática ao mesmo tempo em que se investiga, se modifica a realidade e se procede a avaliação continuamente.

Nesta pesquisa investigou-se quais as condições criadas por duas professoras de Educação Infantil, de escolas localizadas no município de Tupanciretã-RS, para o desenvolvimento da oralidade das crianças em diferentes realidades escolares. Uma professora de escola pública municipal acompanhada de duas monitoras, com turma Maternal, com 14 crianças, na faixa etária de 3 anos de idade, e outra professora de escola privada acompanhada por uma monitora, com turma de Pré A, com 13 crianças, na faixa etária de 4 e 5 anos de idade, ambas situadas no município de Tupanciretã-RS.

Para obter as informações a respeito da temática foram utilizados diferentes instrumentos de coleta de dados: a entrevista entregue às professoras com indicação de prazo para devolução (anexada no Apêndice); foi utilizado um diário de observações cujo protocolo também consta no Apêndice. No diário das observações foram coletados os seguintes dados: 1. tipos de atividades desenvolvidas pelas professoras e em quais delas as crianças tiveram mais oportunidades de se expressar com autonomia; 2. interações e mediações das professoras nas situações de manifestações orais das crianças; 3. em quais oportunidades houve novos vocábulos e como foram reforçados.

Especificando, a metodologia da pesquisa-ação foi organizada em três momentos: a das entrevistas; a do mapeamento dos contextos e neles as atividades, propiciando a oralidade em diferentes frequências e intensidades e nessas oportunidades, como aconteciam as mediações dos professores. As condições de produção da oralidade infantil foram avaliadas mediante protocolo de observação e registro dos resultados. O terceiro movimento, foi de avaliar e planejar a ação, considerando as realidades culturais, quais as contribuições necessárias e favoráveis à expansão da oralidade, da organização do pensamento e contribuição ao

letramento. As propostas de desenvolvimento da oralidade observaram as perspectivas das múltiplas infâncias, da diversidade e da interculturalidade.

A análise dos resultados foi desenvolvida de forma descritiva e qualitativa a fim de detalhar os dados obtidos durante a pesquisa, tendo como aporte teórico estudiosos da área.

Por se tratar de um estudo que visou à realização de uma pesquisa-ação, o projeto foi submetido à avaliação e apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Todos os documentos como o TCLE (professores e pais), TALE para as crianças, Anuências das duas escolas, foram postados na Plataforma Brasil.

A pesquisa-ação envolveu a participação direta de seres humanos, crianças e professoras, porém, considerou-se que os riscos foram moderados por envolver observações das aulas com o consentimento das direções das escolas, das professoras, dos pais e das crianças e não ocorreram casos do tipo estranhamento ou desconforto. Caso ocorresse, estava prevista a substituição do procedimento por meio da solicitação de colaboração das professoras para o registro, por escrito, das mediações desenvolvidas junto às expressões orais das crianças e quais as alterações e ou avanços que ocorreram. No entanto, não houve transtornos ao longo dos procedimentos da pesquisa.

O desenvolvimento da pesquisa desdobrou-se a partir das entrevistas com as professoras mediante a entrega das questões e a devolutiva pelas professoras e os dados constam nos apêndices na seguinte ordem: Questionário A – Quadro no.1: e Respostas B- Quadro no. 2. Os registros das observações constam no apêndice C e D, como Quadros no. 3 e no.4. Os registros das práticas desenvolvidas pela pesquisadora, constam nos quadros da sequência 5, 6, 7, e 8.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O relato sobre os resultados observará as três atividades de coleta de dados: relato sobre os resultados das entrevistas; relato sobre as observações da dinâmica de algumas aulas e relato sobre o desenvolvimento das atividades propostas pela pesquisadora. As discussões constarão conectadas com as descrições dos momentos da pesquisa-ação.

Ao analisar as respostas das professoras observou-se a presença de conhecimentos práticos sobre o desenvolvimento da oralidade. O entendimento das professoras reiterou os argumentos apresentados pela autora Soares (2020). As crianças desenvolvem suas habilidades da linguagem na interação com o outro, por meio do lúdico, constituindo-se como autor de suas ideias e expressões. Portanto, os espaços da Educação Infantil, favoráveis à socialização por meio de situações instigadoras, contribuirão para o aumento do vocabulário.

As respostas escritas das professoras demonstraram que seus perfis são semelhantes no quesito responsabilidade com o desenvolvimento da oralidade de seus alunos. Ainda que não houve previsão de desenvolver análise comparativa entre os contextos, um da escola pública e outro, de escola privada e entre as duas professoras, as diferenças instigaram a comparação. Observou-se que a professora da escola privada indica e proporciona maior variedade de atividades para estimular a expressão oral e, em relação a participação dos familiares, ela menciona adesão e diálogo.

Ela indica como tira proveito das histórias e propõe: “Ouvirem histórias com recursos diferentes, como por exemplo, palitoches, fantoches, portfólio, gravuras, cenários e fantasias. Após é feita uma roda de conversa na qual questiona-se a turma, o nome da história, os personagens, acontecimentos, de forma conduzida para irem lembrando e também de forma espontânea.” A professora descreve um conjunto variado de atividades que envolvem manifestações orais, conforme consta nas respostas à entrevista (Apêndice B- no. 2).

A professora da escola pública, mencionou dois tipos de atividades em que as crianças mais se envolvem: “Contaçãõ de história em grupo e individual, com o objetivo de estimular a concentração atençaõ e pensamento crítico sempre com uma liçaõ no final da história”. Entende que com a musicalidade explorada, ao cantar cantigas, a criança desenvolve a linguagem pois expõe a criança a diferentes palavras sons e estruturas gramaticais além da imaginação e criatividade.

A professora apresentou sua percepçaõ (ou expectativa) sobre a participaçaõ dos pais. O baixo envolvimento dos familiares é atribuído à falta de tempo e desinteresse das famílias, porém interpreta-se a colocaçaõ da professora como algo intuitivo, empírico, pois não houve

um levantamento junto aos pais. Chama a atenção também que não houve uma explicitação, nos resultados das entrevistas, se as professoras ou as escolas programam atividades participativas dirigidas aos pais ou responsáveis pelas crianças.

Segunda fase da pesquisa: as observações em sala de aula

As observações de cada turma, *in loco*, favoreceram concluir que há certa diferença entre as escolas quanto a rotina ofertada. Concluiu-se que na escola privada há uma rotina com atividades permanentes, planejadas e caracterizadas por desafios inovadores. Conforme indicações da professora, toda essa didática e preparação é exigida pela escola em atenção às expectativas dos pais que de classe média alta, que estão pagando para receber resultados positivos e importantes sobre seus filhos, que estão a todo tempo atentos, questionando o que é ofertado, buscando por resultados nas aprendizagens, ou seja, são exigentes com o desenvolvimento do filho.

Na escola pública, o interesse da família pelo desenvolvimento dos filhos, é justamente o contrário, conforme depoimento da professora. Os pais, com baixas condições econômicas, com baixa escolaridade, estão mais preocupados em suprir as necessidades básicas dos filhos e não se envolvem ou não explicitam interesse pelas ofertas da escola. Entendem que é responsabilidade da escola fazer com que a criança se desenvolva, sem se preocupar se há atrasos, como estão aprendendo e se estão apresentando avanços. A professora manifestou que está sujeita a frequentes reclamações dos pais sobre disciplinar os filhos.

Diante destes relatos, observou-se diferenças entre o que foi descrito nas entrevistas e o que é promovido concretamente para o desenvolvimento da oralidade bem como na promoção do envolvimento dos familiares.

A fim de detalhar os resultados das observações nas duas turmas de Educação Infantil, as descrições foram divididas por escola e em momentos da aula. No Quadro N° 2 (Apêndice), apresentam-se os dados observados na EMEI Glênio José Fernandez Pinto, no momento da acolhida. No Quadro N° 3 (Apêndice), relata-se o desenvolvimento da aula pela professora titular na EMEI Glênio José Fernandez Pinto. Por sua vez, os Quadros de N° 4 e No.5 (Apêndice), apresentam as descrições da observação no momento da acolhida na Escola de Educação Infantil Mundo da Criança e o relato das observações do desenvolvimento da aula na mesma escola, respectivamente.

As conversas detalhadas da professora, com as crianças, no momento da acolhida, soou artificial nos dando a impressão de que a presença da pesquisadora alterou o modo de conduzir

as atividades. A professora se preocupou com cada detalhe do que estava realizando. Todavia, essa impressão é algo a ser investigado. Nas conversas informais com a professora, pode-se obter a segurança do seu cuidado com o desenvolvimento da fala de seus alunos e a forma de conduzi-los.

Na primeira observação da turma da EMEI, houve a narrativa de uma história e a professora estimulou a escuta e a participação, elogiando os que se manifestavam. Nem todos interagiram, muitos ficaram apenas na observação e os que responderam, a professora parabenizou, por exemplo: - Isso aí, acertou! e aos que não responderam, ela reforçou e pediu à criança para repetir a palavra.

Observou-se que algumas crianças se manifestaram por gestos e expressões e nesses casos, a professora procurava nomear o suposto desejo ou sentimento ou sensação experimentada pelas crianças menos falantes. Vygotsky explicita que a criança se desenvolve pelas interações, mediações e significações apresentadas pelos adultos. Segundo Wallon, o pensamento precisa do auxílio dos gestos para se exteriorizar (GALVÃO, 1995, p. 44). O papel que o professor exerce, como o adulto competente, tem relação com a teoria de Vygotsky sobre contribuir com a passagem de criança da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) para a Zona de Desenvolvimento Real (ZDR), quando a criança domina o conhecimento novo.

Na segunda observação da aula na EMEI, a professora proporcionou às crianças a oportunidade de pintar numa parede. Foi um momento de intensas interações entre as crianças, assim como, com as professoras, monitoras e com o espaço. Essa proposta oportunizou a ocorrência do diálogo intencional, informal e criativo. O fato de crianças expressarem o que iriam desenhar, comprova uma das descobertas de Vygotsky. As crianças na primeira infância, externam oralmente seu plano de trabalho, também entendido como previsibilidade.

Observou-se, na turma da escola pública, um grupo de crianças tímidas apresentando vocabulário reduzido, em fase de construção da linguagem e, ao serem questionadas ou orientadas à retificação de alguma palavra, ficavam em silêncio e acabavam não a utilizando. Durante a rotina, a dificuldade observada foi de alunos que não se envolvem espontaneamente. A cada observação, o vocabulário era enriquecido somente entre as crianças mais falantes, já entre as crianças tímidas, percebeu-se muitas dificuldades para oralizarem seus sentimentos, vontades e ideias.

As crianças mais falantes conversavam entre elas durante todo o tempo da rotina, quando usavam brinquedos, dançavam, durante os jogos, uso dos livros e nas brincadeiras livres. Notou-se que os mais falantes estimulavam os mais tímidos ao perceberem estas dificuldades de comunicação, convidavam para participarem e também ensinavam respostas

para o momento. A interação dos alunos com as professoras desta turma, aconteceram durante todo o tempo, sempre houve essa relação entre alunos com professoras e alunos entre alunos.

Quando a professora os provocava, ficavam com olhar curioso e os mais falantes tentavam responder de forma clara e correta e outros já aguardavam para ouvirem. Sendo assim, a professora provocava os demais, dando algumas dicas do que tratava o assunto, o objeto, a atividade e a brincadeira a ser realizada.

Notou-se que as crianças, na maioria, pediam ajuda em situações de conflitos enquanto outras apontavam mostrando para as monitoras ou professora que estimulava a fala e auxiliavam na nomeação.

Diante das atividades propostas pela professora, as crianças tentavam realizar e, ao não conseguirem, pediam ajuda, questionavam as cores, os tamanhos, os objetos, os personagens de pintura e o que estava sendo proposto para ser registrado. Também foi notória a manifestação de sentimentos das crianças mais falantes enquanto as mais tímidas demonstravam pelo semblante. Nesse caso, eram questionadas pelas monitoras ou pela professora e assim conseguiam dialogar e encontrar soluções para lidarem com suas emoções.

Observações na turma da escola Escola de Educação Infantil Mundo da Criança, escola privada (Apêndice Quadros no. 4 e 5):

Os registros no diário da pesquisadora trazem elementos sobre uma rotina participativa. Na acolhida, as crianças têm acesso aos jogos e brinquedos e participam da organização dos mesmos no momento em que todos são convidados pela professora para a roda de conversa.

A roda de conversa abre espaço para as manifestações das crianças a partir das provocações da professora. A situação é propícia para o registro do vocabulário das crianças e das retificações dos vocábulos pela professora. Em havendo necessidade de alterar a pronúncia de uma palavra, a professora foi cuidadosa evitando dizer que estava errada.

Observou-se uma turma intensa no vocabulário, muito curiosa, cheia de questionamentos e de oportunidades, de fala constante durante a rotina, e a cada observação da professora, o vocabulário foi enriquecido.

Os alunos são bem curiosos, fazem muitas perguntas e sempre querem saber sobre o que a professora fez no fim de semana e onde passou, e ela lhes responde. A constância nas manifestações orais cultivada pela professora por meio das provocações, questionamentos, mediações, promove a clareza da fala das crianças. As crianças ao serem provocadas pela professora ficam curiosas, com olhos atentos e não demoram a perguntar, questionar e dialogar.

Todas as crianças desta turma se manifestam, tanto que é necessário a professora orientar, um a um, pedindo silêncio e escuta, respeitando a vez de cada um falar.

Em geral, os alunos tentam realizar tarefas sozinhos após escutarem as orientações recebidas, mas ao longo das tarefas, se necessário, chamam a professora:

- “Profe”, eu não consigo, pode me ajudar?

Durante a rotina da turma, observou-se que a professora é atenta à fala, e sempre reforça as palavras e se necessário sonoriza para a criança escutar, mas não fala a criança que está errado, no momento que é dito a professora já observa e pede pra criança a olhar para ouvir atentamente e para repetir corretamente.

Como descrito acima, as crianças interagem todo o tempo, constituindo-se em turma muito falante, porém, há mais diálogos espontâneos em momentos de descontração, quando estão no pátio da escola; quando usam a imaginação para brincarem; quando resolvem conflitos entre eles. Quando necessário, chegam até a professora e comentam o que aconteceu ou pedem ajuda.

Terceira fase da pesquisa: experimentações da pesquisadora

O desenvolvimento das atividades selecionadas para provocar as manifestações interativas das crianças são descritas em detalhes conforme registro no diário da pesquisadora e constam nos quadros do Apêndice Quadro N° 6 - Experimentação na EMEI Glênio José Fernandez Pinto, na turma do maternal da faixa etária de 3 anos, Quadro N° 7 – Experimentação na EEI Mundo da Criança, na turma do Pré A da faixa etária de 4 e 5 anos, e o Quadro N° 8 – Contexto mediante visita técnica 1 e 2 – Tema “Cabelereira” e “pedreiros”.

Experimentação na EMEI Glênio José Fernandez Pinto, na turma do maternal da faixa etária de 3 anos:

A realidade da turma de 3 anos, analisada com base na descrição das etapas da evolução psicológica da criança, de Wallon (apud GALVÃO, 1995, p. 120-121), corresponde a época da liberdade de andar pelos espaços e da aquisição da linguagem. Segundo o autor, “a palavra pela qual a criança se interessa vivamente é para ela algo muito diferente que um símbolo ou um rótulo [...] é um equivalente do objeto”. Com a palavra, a criança pode “prolongar na lembrança uma experiência, antecipar, combinar, calcular, imaginar, sonhar”. Nessa fase a criança volta-se para si o que nos faz compreender também a timidez ou o seu contrário, a necessidade de auto afirmação. Com estes esclarecimentos em mãos, a pesquisadora selecionou uma história e

dois jogos com várias qualidades: trazer uma realidade próxima, a dos alimentos; evocar palavras supostamente conhecidas para averiguar a pronúncia e a memória e o manuseio de objetos concretos.

A pesquisadora oportunizou a narrativa da história “A Cesta da Dona Maricota” considerando a possibilidade de manipulação de alimentos concretos. Com o uso de imagens, as crianças tiveram oportunidade de, após a escuta da história, evocar os nomes dos alimentos.

Registrou-se a pronúncia da palavra “mio” para milho e a indicação da imagem da melancia por uma menina para dizer que gostava dessa fruta, porém, sem conseguir dizer o nome. Nesses momentos foi essencial a mediação da pesquisadora.

As crianças, ao observarem as imagens das frutas reproduziram os nomes “banana, manga, abacate, beterraba, morango, abacaxi, alface, batata, cenoura, laranja, brócolis e registrou-se que na pronuncia destas palavras houve dificuldades com o fonema R.

A seguir, houve a brincadeira da “sacola misteriosa”: cada um poderia falar o nome dos objetos que retiraria dela. A pesquisadora orientou para solicitarem ajuda caso não soubessem o nome do objeto. Após uma rodada, foi retirado da sacola um microfone. Um menino solicitou para a pesquisadora deixá-lo cantar. Após seu canto, outras crianças quiseram cantar também.

A brincadeira seguinte foi justamente “Cante uma Música”, aproveitando o momento, porém, conforme registro da pesquisadora “surgiu um dilema, o menino que estava com o microfone não queria emprestar pra ninguém, começou a chorar, nem para as professoras entregava, agarrando sem soltar, então quase todos começaram a chorar e querer cantar. Decidimos terminar por ali a prática desse dia. Enquanto as professoras organizavam as crianças que choravam, juntei os materiais, ajudei a acalmá-los e finalmente conseguimos guardar o microfone”.

Compreende-se a intencionalidade da proposta “Cante uma música” pois oportunizaria identificar os conhecimentos prévios das crianças ao reproduzirem letras das músicas conhecidas. A disputa pelo microfone também é compreensível haja vista a característica psicológica da criança com 3 anos, descrita por Wallon (apud GALVÃO, 1995, p.119) de “fazer triunfar seu capricho ou sua oposição”.

Outra experimentação provocativa à oralidade, preparada pela pesquisadora, com a mesma turma, deu-se mediante a organização de um contexto com diferentes objetos tais como: potes de iogurte, potes de plástico de diferentes tamanhos, tampas de sorvete, esponjas, caixas de sabonete, tampas de garrafas pet, pedaços de papelão, gravetos, pedrinhas, terra, folhas de árvore, grãos de milho, feijão.

O objetivo foi desencadear a expressão oral espontânea a partir do espaço organizado com materiais de sucata e elementos da natureza, preparado para observar a criatividade, diálogo e imaginação dos alunos. A ideia inicial foi a pesquisadora apenas convidá-los para o espaço, sem provocações orais. As crianças tomaram a iniciativa e foram correndo, animados, explorar todos os materiais ali disponibilizados, com calma, atenção e paciência.

A fim de sentir o clima do momento, extraiu-se parte do relato da pesquisadora:

Observei nesse segundo dia que os alunos estavam mais comunicativos.

Um deles falou:

C- “pof”, vou “faze” um “guti” pra você? E organizou e levou até a professora, argumentando a ela;

C- “pof” come tudo pra “fica” “fote”, ta, come.

P- Está bem vou comer, e vou ficar forte.

Enquanto este diálogo acontecia, vi muitos sentados em silêncio explorando os materiais, então sentei com eles e comecei a interrogá-los:

P- O que vocês estão fazendo? o que tem no seu pote?

C “T”- No meu pote tem terra, pedra, esponja, e graveto, isso é uma sopa de muitas coisas misturadas “prof”.

P- Mas que legal, boa ideia, você foi bem criativo, adorei!

Ele ficou contente e foi contar aos colegas. Chegou até mim a aluna “V” me mostrando seu pote: P - O que você fez aqui?

C- Eu fiz um iogurte de morango, você quer um pouco?

P- Sim, quero, vou experimentar se está gostoso.

Ao finalizar a vivência, a pesquisadora sugeriu às crianças apresentar seus trabalhos. Todos falaram algo, mas destaca-se a manifestação do aluno “D”: - Eu fiz um portão, cerca, pracinha com escorrega, uma barata, o sol e as nuvens”. Ao falar exatamente o que fez, os demais bateram palmas.

Concluiu-se que a vivência de produção livre, estética, simbólica, favoreceu o empoderamento das crianças por meio da expressão oral.

Durante esta proposta observou-se que as crianças falam palavras soltas, sem muita coerência na fala espontânea, não sustentam um diálogo longo ou consistente, sendo necessário a todo tempo o reforço de palavras para serem reproduzidas de forma correta. Sendo a turma do maternal, as crianças estão na faixa etária de 3 anos, observou-se que há momentos em que elas manifestam oralmente curiosidades sobre o que lhes chamou atenção, ou seja, do interesse delas, mas apresentam uma fala insegura, com pouca formação de frases.

A maioria das crianças ainda usa a chupeta durante todo o tempo, em sala de aula, isso, as prejudica os diálogos e falas espontâneas. Assistem desenhos em sala, manifestam agitação, podendo ser de certa forma por não conseguirem expressar seus desejos através da fala. O apoio

familiar é restrito portanto a escola é a principal influência neste processo de desenvolvimento integral.

As professoras estão buscando alternativas para incentivar alunos, mas os pais muitos resistentes, não captando seu papel nesse desenvolvimento, delegam a responsabilidade à escola. Muitas dificuldades de fala foram observadas, tanto que os diálogos durante a pesquisa foram baixíssimos diante das expectativas da pesquisadora com exceção de 4 alunos mais fluentes que apresentam clareza no vocabulário, tanto nas situações espontâneas quanto nas direcionadas.

Nessa turma com criança de 3 anos e nessa realidade de comunidade em vulnerabilidade sócio econômica, há uma precariedade na linguagem das crianças, muitas trocas nas palavras não havendo uma comunicação clara. Durante a pesquisa-ação houve grandes desafios para a realização das propostas, pois são crianças carentes de atenção e que necessitam o tempo todo da escuta cuidadosa de suas manifestações orais a fim de contribuir no ajuste das palavras em processo de aquisição.

Experimentação na EEI Mundo da Criança – Pré-Escola A – 4 e 5 anos

Na turma do Pré A II da escola privada, em faixa etária de 4/5 anos, a pesquisadora buscou realizar as práticas de forma a oportunizar experiências significativas e de novos conhecimentos desafiando as crianças a desenvolverem mais e melhor o repertório linguístico que apresentaram durante as observações.

A introdução da proposta da pesquisadora foi resultado de um projeto que a professora titular da turma estava iniciando sobre o tema Profissões: “Quando crescer poderei ser?” A princípio, o levantamento dos conhecimentos prévios demonstrou que as crianças desconheciam o sentido da palavra “profissão”. Depois do debate, houve a narrativa de uma história e a proposta de desenharem as profissões que conhecem. Tiveram a oportunidade de criar histórias e relatar aos colegas. Segue um resultado:

Usaram recurso de gravuras, palitoches e brinquedos:

E ficou assim a história:

“Era uma vez, um bombeiro, que ele, ele foi resgatar uma pessoa, que estava presa num prédio, ele pegou a água e chuá, chuá e apagou o fogo e daí, e daí ele salvaram o dia”.

A segunda intervenção da pesquisadora, foi a proposta de um contexto instigador mediante a visita técnica a um salão de cabelereira, inserida no projeto sobre Profissões e uma prática simbólica como “pedreiros”.

A escolha do tema “profissões” trouxe elementos novos quanto à exploração do vocabulário a partir da palavra “profissão”. O tema favoreceu situar as crianças no funcionamento da realidade ao identificarem locais específicos usados pelas profissões e que tiveram a oportunidade de conhecer. Desencadeou o reconhecimento do vínculo com os familiares por meio da noção de pertencimento indireto a uma determinada profissão, pelo reconhecimento da profissão de familiares.

A riqueza do tema e sua abordagem no segundo dia, trouxe elementos concretos para o jogo simbólico, fato esse que alimentou a imaginação infantil. Quanto às mediações dos adultos, verificou-se retornos positivos diante das tentativas das crianças e o estímulo aos retornos pelos colegas. Ainda que apenas alguns apresentaram a criação da história, contagiou para o surgimento de novas iniciativas em outras oportunidades.

Portanto, essa turma demonstrou estar bem desenvolvida no vocabulário, apresenta argumentos, desenvolve e sustenta um diálogo por certo tempo, tanto em sala como fora dela, mantém-se curiosa e ao não conhecer alguma palavra, questiona o significado.

A interculturalidade transpareceu durante a visita técnica na medida em que algumas crianças mencionaram o que sabiam de seus familiares e das profissões. Observou-se também que a família se dispõe a incentivar a dialogia quando a escola solicita. As trocas de letras nas palavras, são raras e, quando ocorrem, as crianças aperfeiçoam a partir da mediação da professora.

Na visita ao salão de beleza, houve crianças que espontaneamente entrevistaram as profissionais. Tanto durante o trajeto de ida como no de retorno, as crianças manifestaram suas perplexidades, conclusões, reforçando o valor da experiência.

Outro contexto provocado pela pesquisadora foi a de captura de pedras para fazer uma construção o que incluiu o preparo do cimento. Na ocasião as crianças manifestaram que não sabiam o significado de “cimento”.

Na atividade proposta sobre construir algo tal como um pedreiro, houve muitas perguntas, manifestações entusiasmadas e conforto para solicitar auxílio da professora.

Essas crianças curiosas e falantes, deixaram a pesquisadora reflexiva sobre os motivos dos atrasos na fala das demais crianças do maternal, mesmo sabendo que há diferença de habilidades conforme idades, situações provocativas, mediações e vivências no meio social. Considera-se que a turma de Pré escola, já experienciou oportunidades de fala mais específicas

em seu contexto escolar. Aconteceram muitos diálogos, animações e curiosidades por parte das crianças. Propostas que geraram novos desafios, novos conhecimentos e novas aprendizagens.

É um caminho positivo para seguir adiante e propor outros desafios a partir de interesses que surgirão. O mais importante a destacar aqui é a comunicação que aconteceu de forma espontânea por parte dos alunos com a pesquisadora durante a prática proposta e os resultados esperados foram alcançados de forma gradual e positiva.

Analisando as etapas da pesquisa-ação mobilizadas pelo objetivo geral de mapear o conjunto de contextos de expressão oral ofertado às crianças, em escolas de Educação Infantil, evidenciando quais favorecem a expansão da oralidade, organização do pensamento e o letramento, conclui-se que o dinamismo da professora é um componente a ser cultivado. Dele surgirão propostas que encaminham as crianças ao desenvolvimento da oralidade, pensamento e letramento.

O investimento no objetivo específico de identificar o nível da expressão oral de dois grupos de crianças entre 3 a 5 anos, em duas turmas de educação infantil, trouxe resultados instigadores. Embora as observações *in loco* tenham sido breves, identificou-se maior empenho no desenvolvimento da oralidade na turma da escola privada. A turma de crianças da escola infantil pública, apresentou várias defasagens no conjunto vocabular, na pronúncia das palavras e na prontidão para emitir respostas quando interrogadas ou tomar iniciativas tanto para manifestar necessidades ou para interagir espontaneamente diante das situações coletivas.

A previsão de desenvolver as observações por dois meses tornou-se inviável, todavia, associando os resultados das entrevistas aos das observações nas duas escolas de Educação Infantil, identificou-se fortes diferenças entre o que é proporcionado à turma que frequenta a escola particular e a que frequenta a escola pública.

Foi apontado pelas professoras que as exigências e envolvimento dos pais, cujos filhos frequentam a escola particular, qualificam as oportunidades e há empenho maior no desenvolvimento integral das crianças. Na escola pública, em havendo maior exigência pelos pais no quesito educar, disciplinar as crianças, há uma margem de prejuízos às manifestações orais das crianças.

Diante disso, ficou a interrogação: a timidez de várias crianças, identificada nessa turma, poderia ser consequência do foco no “educar” para disciplinar, controlar, para conter as crianças? Essa situação nos faz lembrar da obra intitulada “Cala boca não morreu” de Walburga Arns. O impasse da relação com os pais seria resolvido mediante uma proposta articulada entre função social da escola, responsabilidade pedagógica da professora com o desenvolvimento integral das crianças e com o envolvimento criativo e de escuta afetiva pelos pais. A integração

seria a resposta adequada, conforme Kleiman (2009) apontou ao sugerir projetos de letramento com base no que as crianças apreciam ou não ou a partir da necessidade de resolver um problema ou conflito.

O objetivo focado em categorizar as oportunidades favoráveis à desenvoltura oral das crianças, foi alcançado mediante o desenvolvimento dos capítulos sobre a escuta sensível e a influência do professor no desenvolvimento da oralidade. Os resultados da escuta com disponibilidade dos adultos surtem efeitos de impacto nas crianças em especial na autoestima.

A escuta é uma ferramenta pedagógica fundamental ao exercício da docência atenta aos interesses infantis. Observou-se que as oportunidades favoráveis à desenvoltura oral foram provocações mediante narrativas de histórias e diálogos sobre ela; exploração de registro livre em espaço alternativo ao da sala de aula (pintar na parede); visita técnica vinculada a experiência da criança com a vida familiar ao mesmo tempo em que favoreceu a relação com a realidade mais ampla (profissão dos pais x profissões de outras pessoas).

Sobre a hipótese proposta afirmando que a organização de contextos estruturados, acionam o jogo simbólico infantil bem como a expressão da diversidade cultural ampliando o vocabulário e expandindo a oralidade clara e organizada das crianças que frequentam a educação infantil, obteve-se comprovação em várias situações promovidas pela pesquisadora. Diante do contexto organizado com elementos da natureza morta e sucatas recicláveis, diante do contexto da visita técnica e da vivência de trabalho de um pedreiro, as crianças deram vazão a seus conhecimentos prévios, expressaram suas preferências e outros detalhes das suas culturas do cotidiano.

A hipótese foi confirmada com maior intensidade no contexto do passeio para visita a um estabelecimento da profissão de cabelereira ao mesmo tempo em que tiveram a oportunidade de conversar sobre o local da Brigada Militar e o local de trabalho do pai de um dos alunos. Esse contexto enriqueceu o repertório de experiências das crianças, favoreceu o multiletramento e ativou as conversas com os familiares.

As experiências da pesquisadora evidenciaram que a ampliação vocabular não acontece naturalmente. As crianças nascem com as condições para a expressão oral, porém, são as oportunidades de interações de negociação de sentidos e significados, que estimularão o pensamento e o letramento.

Buscando resultados de pesquisas atuais, destaca-se abaixo, duas pesquisas que reiteram a concepção de que a mediação, como dialogia dos adultos com crianças da primeira infância, é condição favorável ao desenvolvimento da aquisição da linguagem e por conseguinte da expressão oral como qualidade comunicativa.

A análise de resultados de pesquisas demonstra que há fortes argumentações em defesa de que o desenvolvimento da oralidade não é um processo que ocorre naturalmente, conforme a convicção de senso comum. Na publicação de Ribeiro (2017), intitulada “O papel da oralidade no desenvolvimento da criança na Educação Infantil segundo a perspectiva dos documentos oficiais” (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2017), a conclusão da pesquisa evidencia que “a linguagem oral é bem abordada nos documentos oficiais, porém não é bem explorada no cotidiano da sala de aula”. A autora reporta que a exploração da linguagem oral é considerada desnecessária pois há a crença de que a criança tem capacidade de aprender sem a mediação do professor. O contraponto está na citação do Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (RCNEI):

O trabalho com a linguagem se constitui um dos eixos básicos na educação infantil, dada sua importância para a formação do sujeito, para a interação com as outras pessoas, na orientação das ações das crianças, na construção de muitos conhecimentos e no desenvolvimento do pensamento. (BRASIL, 1998, p. 117)

Para reafirmar que a oralidade é um processo que requer a interlocução com outros, as pesquisadoras Maria Gabriela da Silva Santos e Alessandra Corrêa Farago no artigo “O desenvolvimento da oralidade das crianças na Educação Infantil” (2015), citam a seguinte passagem: “O desenvolvimento oral das crianças ao contrário de que muitos pensam não ocorre naturalmente, mas sim na relação que ela estabelece com o adulto e também com outras crianças.” (CRAIDY e KAERCHER, 2001).

Essa ideia é reafirmada por Wallon e ele acrescenta o elemento afetividade. Para Wallon, focar a criança numa perspectiva de totalidade, envolve reconhecer que as funções afetivas e intelectuais interagem, se alternam e se complementam no desenvolvimento do ser humano. Outro aspecto relevante apontado por Wallon é que diante da constatação da incapacidade de sobrevivência do recém-nascido, sem o auxílio do adulto, há uma incompletude do ser humano ao nascer que remete à dependência do meio social. Assim sendo, há o entendimento de que o bebê, em primeiro lugar, se manifesta comunicativamente em relação ao outro. Para Piaget a criança passa da situação egocêntrica à da socialização, para Wallon, no entanto, é o contrário, a criança passa da socialização para a gradativa individualização.

No material publicado pelo MEC para formação continuada de professores dos anos iniciais, denominado Pro Letramento (2008), na Unidade II, sobre o desenvolvimento da oralidade encontra-se a informação de que é recente o reconhecimento pela Linguística e Pedagogia a responsabilidade da escola pelo desenvolvimento oral dos alunos: “reconheceram a língua falada, de importância tão fundamental na vida cotidiana dos cidadãos, como legítimo

objeto de estudo e atenção”. O material reforça que é um direito de todas as crianças aprenderem e dominarem a “língua padrão” em especial se a comunicação apresenta variedade cultural. Outro detalhe importante, é que seu modo de falar aprendido com a família e comunidade, seja respeitado e reconhecido como legítimo, portanto, evita-se qualquer discriminação.

A linguagem oral é parte da vida das pessoas, contribuindo com a socialização e construção de pensamentos para haver comunicações, troca de ideias, expressões de sentimentos. As crianças, quando inseridas em espaços onde há estimulação, poderão desenvolver a fala na interação com pessoas de seu convívio e também do ambiente social em que estarão inseridas.

Segundo Vygotsky (2008), a interação produz comunicação e desenvolvimento linguístico entre as pessoas. Desse modo, o ser humano se constitui como sujeito e desenvolve funções mentais, tais como o pensamento, quando a linguagem é produzida individualmente, ao observar e se constrói no coletivo, ao interagir com o meio social. Com esta afirmação é possível compreender que na interação o desenvolvimento da fala acontece de forma produtiva e gradual, pois cada ser humano é individual e na socialização com o outro se desenvolve construindo significados importantes e contextualizam o mundo ao seu redor.

O adulto se faz importante na vida da criança, pois tem a capacidade de mediar o processo da linguagem oral, fazendo as crianças compreenderem de melhor forma o uso da fala e auxilia a mesma na construção da linguagem clara, diariamente. Contextualizando o assunto o autor afirma que o adulto é fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral. “Nesse sentido pode-se dizer que o adulto é a [...] instancia da língua constituída” (VIGOTSKI, 1984, p. 53) e conclui-se que os adultos e coetâneos mais desenvolvidos, atuam junto às crianças em fase de zona de desenvolvimento proximal para que alcancem a zona de desenvolvimento real.

Partindo destas ideias, observamos que a linguagem oral é um processo de aproximação com a fala do outro, é dessa interação que as crianças precisam para poder falar e ampliar o vocabulário no ambiente em que estejam inseridas, assim irão modificando as formas de agir, pensar e sentir, conquistando a autonomia e espontaneidade diante das provocações do outro. Vale ainda destacar as concepções de Bakhtin (1997) sobre a linguagem oral, pois segundo o autor a linguagem oral é construída por meio da interação social quando o papel do outro é fundamental na construção do diálogo, e esse processo tem as particularidades culturais das crianças e dos meios onde vivem.

Destaca-se o que descreve Vygotsky (1998) afirmando que a relação do homem com o mundo é feita por meio da linguagem, possibilitando as crianças explorarem seus limites:

A linguagem libera a criança das impressões imediatas sobre o objeto, oferece-lhe a possibilidade de representar para si mesma algum objeto que não tenha visto e pensar nele. Com a ajuda da linguagem, a criança obtém a possibilidade de se libertar do poder das impressões imediatas, extrapolando seus limites (VYGOTSKY,1998, p. 122).

Há um mundo de possibilidades e novos saberes que contribuirão para a criança começar a se expandir quando for estimulada. Através do brincar as crianças iniciam o processo de desenvolvimento cognitivo e psicomotor, pois através dos sons surgem as percepções auditivas e orais como nos descreve Lisboa (2019):

Ao brincar, a criança prioriza o campo dos significados sobre o real. Ela cria novas possibilidades de interpretação do cotidiano, assim como demonstra a consciência que tem das regras e dos valores da realidade. Vivência vários papéis, estabelece novas regras, busca o prazer, experimenta várias sensações como vencer os medos, ter alegrias e saborear vitórias. Ela sente-se capaz, potente e forte (LISBOA, 2019, p. 22).

Cada criança é única, e aprende observando as pessoas que fazem parte do seu convívio, com isso passa a refletir e compreender seu contexto social. A interação é peça fundamental para haver desenvolvimento linguístico e novos saberes que se perpetuarão por toda a vida. Brandão (2010, p .17) enfatiza o valor da oralidade na infância: [...] “aprendem a estruturar textos oralmente, a variar os modos de falar, a interagir de modo cada vez mais autônomo por meio da fala, aprendem a ouvir com atenção e a responder de modo ativo às perguntas que lhes são feitas.”

A inclusão do trecho reproduzido de Brandão (2010) se deu segundo nossa intenção de impactar os professores de Educação Infantil e de anos iniciais para o empenho em desenvolver a desenvoltura das crianças na oralidade, favorecendo a alfabetização e o letramento competentes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral da pesquisa-ação de mapear o conjunto de contextos de expressão oral ofertado às crianças, em escolas de Educação Infantil evidenciando quais favorecem a expansão da oralidade, organização do pensamento e o letramento, atravessou cada momento da pesquisa e trouxe descobertas importantes relacionadas aos referenciais teóricos de autores como Vygotsky, Wallon, Kleiman, Friedman. As atividades proporcionadas pelas professoras regentes das turmas, foram adequadas para as manifestações espontâneas das crianças.

O investimento no objetivo específico de identificar o nível da expressão oral de dois grupos de crianças entre 3 a 5 anos, em duas turmas de educação infantil, trouxe resultados instigadores. A investigação sobre a influência do professor no desenvolvimento da oralidade das crianças e como acontece, foi desenvolvida por meio da pesquisa-ação *in loco* a começar pelas observações e a seguir pela ação da pesquisadora.

Os registros evidenciaram os fatores que concorrem ao retardamento da fala (atrasos) e pouco desenvolvimento linguístico, como também os que auxiliam para o crescer o vocabulário e aprimoração do mesmo. Nas atividades propostas pela pesquisadora, averiguou-se duas palavras desconhecidas para as crianças “profissão” e “cimento”, em especial quanto a seu significado e o contexto social a que pertencem. A suposição sobre competência infantil na expressão oral, em diferentes contextos, é incoerente, quando ignora-se que a criança usará palavras ouvidas sem dominar seus sentidos. Nessa situação, a escuta sensível e a tradução das palavras, gestos e expressões faciais, é função relevante e diária do professor.

A turma da escola pública apresentou nível de expressão oral com várias defasagens atribuídas a diferentes fatores: uso da chupeta; foco no disciplinamento de crianças em fase de desenvolvimento motor e de aquisição da linguagem e baixa diversidade de situações provocativas da expressão oral e das interações entre coetâneos. Concluiu-se que nesse atraso de fala ou a ausência da mesma, estão presentes a brevidade de práticas e estímulos desenvolvidos pela professora, sem uma rotina; processos desinteressantes para as crianças e o baixo envolvimento das famílias na vida escolar de seus filhos.

O bom nível da expressão oral da turma da escola privada atesta que a diversidade de atividades provocativas às manifestações orais, intensidade de provocações e mediações da professora alavancaram o envolvimento linguístico. Ficaram evidentes os resultados das intencionalidades focadas nas ofertas de práticas planejadas, rotina organizada e estímulos

constantes voltados ao desenvolvimento da oralidade, bem como, familiares presentes e dispostos a auxiliarem seus filhos no processo de aquisição e aperfeiçoamento da oralidade.

Partindo da ideia de que a criança é estimulada a desenvolver-se através do que ela observa a seu redor, ressalta-se o papel significativo do adulto na influência à evolução no vocabulário da criança, uma vez que é o adulto que significa as palavras, as expressões e alavanca o pensamento infantil à Zona de Desenvolvimento Real.

No entanto, para que haja superação na construção da fala da criança, também é favorável a interação com outras crianças. Ao se relacionar com uma criança que tem um vocabulário mais amplo, mais competente, ela sentirá a necessidade de aprender novas palavras para comunicar-se e expressar seus ideais. Por isso, é importante dar sentido e significado às formas de expressão nas interações com a criança, ofertando aperfeiçoamento no processo do pensamento e da fala para se sentir como parte importante no ambiente inserido.

Considerando que na faixa etária das crianças de três a cinco anos de idade já há entendimento melhor sobre si e sobre o mundo ao seu redor, através das relações com o outro, conclui-se que os estímulos ofertados pelas professoras de educação infantil às crianças são determinantes para que haja a evolução gradual do vocabulário.

Com base nisso, o professor consciente de que é o mediador principal, pois é ele quem organizará espaços de aprendizagens, despertará curiosidades em seus alunos, proporcionará novos conhecimentos e habilidades, interagirá com as crianças e possibilitará maior participação dos pais e familiares nas aprendizagens de seus filhos, os trará para perto, para que juntos encontrem caminhos a fim de auxiliarem as crianças a superarem suas dificuldades na fala, e conseqüentemente, enriquecer e qualificar o vocabulário delas, fazendo que falem mais e melhor.

A hipótese elaborada nesta pesquisa de que a organização de contextos estruturados, acionam o jogo simbólico infantil bem como a expressão da diversidade cultural, ampliando o vocabulário e expandindo a oralidade clara e organizada das crianças que frequentam a educação infantil, foi confirmada pelas interlocuções vivenciadas pelas crianças das duas turmas durante as atividades desencadeadas pela pesquisadora.

Confirmou-se que as vivências que provocaram a expressão oral das crianças e, portanto, a aquisição da linguagem, organização do pensamento, exerceram forte influência no desenvolvimento oral infantil e com isso comprovou-se que a influência do professor é relevante e requer formação continuada sobre a escuta sensível e afetiva; a mediação; os registros e os planejamentos de sequências didáticas intencionais na perspectiva do multi letramento,

Portanto, foram alcançados os objetivos descritos neste trabalho, compreendendo a temática ao realizar uma relação das perspectivas dos teóricos e intensificando na ação docente. Os conhecimentos sobre a influência do professor no processo de desenvolvimento da oralidade na educação infantil, contribuirão com a realidade docente em Educação Infantil para qualificar a ação interativa e mediadora, a prática da oferta de significações bem como o acolhimento das significações trazidas e ou criadas pelas crianças.

Os resultados desta pesquisa podem ser ampliados com aprofundamentos sobre mediação; interlocução; registros sobre o estado inicial e o estado final; multiletramento e estudos sobre letramento na Educação Infantil conforme indica a autora Kleiman.

Outro aspecto que merece avanços é em relação à metodologia da pesquisa. Em se tratando de pesquisa-ação, há espaço para a coparticipação da professora e monitoras nos encaminhamentos propostos pela pesquisadora. A intervenção da professora, espontaneamente, numa das situações da pesquisa, alertou sobre essa possibilidade de maior interação entre professora regente da turma e a pesquisadora, produzindo a coparticipação.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, L. C. DE. Ler, escrever e brincar na educação infantil: uma dicotomia mal colocada. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 12, n. 24, p. 344, 1 ago. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/3578/pdf>. Acessado em 07 nov. 2023.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi, ROSA, Ester Calland de Sousa. (orgs) **Ler, escrever na Educação Infantil**- discutindo praticas pedagógicas. São Paulo: Autêntica, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acessado em 07 out. 2023.

CHAER, M. **A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/labor/files/2018/06/PP-A-import%C3%A2ncia-da-oralidade-EI-e-S%C3%A9ries-Iniciais-do-EF-CHAER-Mirella-Ribeiro.1.pdf>. Acessado em 12 ago. 2023.

CHANAN, Marcela. **Escuta e infância: viver o cotidiano sensível**. Disponível em: Blog <https://www.blogculturainfantil.com.br/post/escuta-e-inf%C3%A2ncia-viver-o-cotidiano-sens%C3%ADvel> 13/09/2020

CRAIDY, Carmen Maria; KAERCHER, Gládis E. **Educação infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre. Artmed. 2001. Ap.12, p. 135-151.

COSTA, G., Rossetti, F. (2003). Conversar para aprender a conversar. In: RossettiFerreira, M. C. et al. (Org). Os fazeres na Educação Infantil. São Paulo: Cortez, p. 81-83.

ELANE, C., Oliveira, J.S., Rocha, M. L. (2007). **Como as crianças adquirem e desenvolvem a linguagem**. Disponível em: www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo_licenciatura.php?codigo=TL0075. Acesso em: 22 de abr. de 2024

ESPÍNDOLA, C. dos S.; NOGUEIRA, G. M. Leitura e escrita na educação infantil: as histórias como estratégia de inserção no universo escrito. **Educação em Foco**, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 27019, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/36108>. Acesso em: 6 dez. 2023.

FRIEDMAN, Adriana. **A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias**. São Paulo: Panda Books, 2020.

FARAGO², M. G. D. S. S. ¹. A. C. O desenvolvimento da oralidade das crianças na Educação Infantil. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 112-133, fev./2015. Disponível em: <https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200343.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2023.

GALVÃO, Izabel. **Henry Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ: Ed Vozes, 1995.

GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn. **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil**. Trad. Daniel E. Burguño. Porto Alegre: Artmed, 2002.

KLEIMAN, Angela. **Projetos de letramento na educação infantil**. Revista Caminhos em Linguística Aplicada. Volume 1. Número 1, 2009. P.1-10. Disponível em: www.unitau.br/caminhosla2009. Acessado em 18 abr.2024.

LAZARETTI, L. M.; SACCOMANI, M. C. DA S. DOS BALBUCIOS ÀS PALAVRAS: o ensino da oralidade na Educação Infantil à luz da perspectiva histórico-cultural. **Momento - Diálogos em Educação**, v. 30, n. 01, 5 ago. 2021.

LISBOA, A. C. L. **O processo de documentação pedagógica em uma experiência formativa na educação infantil: um olhar para a dimensão estética**. 2019. 131 f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2019.

LURIA, A.R. e YODOVICH, F.I. **Linguagem e desenvolvimento intelectual na criança**. Trad. De José Cláudio de Almeida Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985

OLIVEIRA, Zilma de Moraes; MELLO, Ana Maria; Vitória, Telma; FERREIRA, Maria Clotilde Rosseti. Creches: **Crianças, Faz de Conta & cia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

RIBEIRO, Alyne Kivia Barreto, **O papel da oralidade no desenvolvimento da criança na educação infantil segundo a perspectiva dos documentos oficiais** (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), Fonte artigo Scielo 2023.

RINALDI, Carlina. **A pedagogia da escuta: a perspectiva da escuta em Reggio Emilia**. Capítulo 13. In: As cem linguagens da criança 2. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Culturas infantis e interculturalidade. In: DORNELLES, Leni Vieira (org.) **Produzindo Culturas Interculturais na Infância**. Porto Alegre: Vozes, 2007.

SESTARI, P. **Como estimular o desenvolvimento da fala e a oralidade na Educação Infantil?** Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21350/educacao-infantil-desenvolvimento-da-fala-oralidade-campo-de-experiencia>. Acesso em: 18 jun. 2023.

SILVA, Alma Helena A. “Roda, roda, roda, pé, pé, pé...” In: ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde, et. al. **Os fazeres na educação infantil**. São Paulo: Cortez: Ribeirão Preto. SP: Creche Carochinha: Ribeirão Preto, SP, CINDEDI: 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

SOUZA, C. F. DE. A importância do brincar e do aprender das crianças na educação infantil. **academia**, 2018. Disponível em:

https://www.academia.edu/31669354/a_importancia_do_brincar_e_do_aprender_das_crianas_na_educacao_infantil. Acessado em: 10 out. 2023.

STRAHOVSKI, K. **Piaget e o desenvolvimento da linguagem – Pedagogia e Infância**. 2016. Disponível em: https://pedagogiaeinfancia.com.br/2266-2/#google_vignette. Acesso em: 7 set. 2023.

VIGOTSKI, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. Ed. São Paulo: Martins Pontes, 1998.

APÊNDICES

A – Roteiro da entrevista a professoras:

QUESTIONÁRIO AO PROFESSOR

Caro Professor (a).

Este questionário servirá de instrumento de coleta de dados para a pesquisa sobre “**A INFLUÊNCIA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE**” em turma de Educação Infantil de 3 a 5 anos, neste sentido contamos com a sua colaboração.

Declaro que as informações obtidas serão utilizadas para fins de estudos, o anonimato lhe será garantido mesmo em caso de publicação da pesquisa.

- 1.Há quantos anos você atua na Educação Infantil e em que turmas?
- 2.Qual sua concepção sobre o desenvolvimento da oralidade infantil na turma do maternal?
- 3.Quais atividades promove usualmente para desenvolver a oralidade infantil?
- 4.Em quais atividades registra maior envolvimento das crianças?
- 5.Como percebe a influência da família na oralidade, considerando a realidade das crianças?

~~~~~

B - Quadro Nº 1 – Resultado das entrevistas com as professoras

| Profa. 1- escola particular                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | Profa. 2 – escola pública                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>1. Há quantos anos você atua na Educação Infantil e em que turmas?<br/>Atuo há 4 anos como professora– Atualmente na turma do Pré A da faixa etária de 4/5 anos. Mas dois anos foram na turma de maternal.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | <p>1Há quantos anos você atua na Educação Infantil e em que turmas?<br/>Há três (03) anos – Maternal II e Pré I</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <p>2. Qual sua concepção sobre o desenvolvimento da oralidade infantil na turma do maternal?<br/>O desenvolvimento da oralidade na turma do maternal é essencial, uma vez que a criança necessitará comunicar-se mais frequentemente, expor suas ideias, contar e relatar histórias, brincar com outras crianças, socializar com o ambiente que estará inserida.<br/>Já no Pré A ressalta-se ser necessário pois a oralidade tem uma complexidade para a prática de letramento partindo do princípio de que o conceito de letramento se institui e se constitui na interface da oralidade, tendo uma relação de interdependência. Sendo a oralidade um contexto propiciador das práticas da escrita. Pois a criança pode ser considerada letrada, mesmo que ainda não saiba ler e escrever, por conseguir compreender o que lhe é dito por um adulto fazendo relação com o texto escrito do que lhe é apresentado.</p> | <p>2.Qual sua concepção sobre o desenvolvimento da oralidade infantil na turma do maternal?<br/>O desenvolvimento da oralidade na turma do maternal é crucial para o crescimento cognitivo e social das crianças atividades como contar histórias cantar canções fazer jogos de imitação e promover interações verbais ajudam a promover um ambiente rico em linguagem ponto começando com uma exposição de sons e palavras repetição até a construção de frases simples e a comunicação básica.</p> |
| <p>3Quais atividades promove usualmente para desenvolver a oralidade infantil?<br/>Na turma do Pré A estas são algumas das propostas: Ouvirem histórias com recursos diferentes, como por exemplo, palitoches, fantoches, portfólio, gravuras, cenários e fantasias. Após é feita uma roda de conversa na qual questiona-se a turma, o nome da história, os personagens, acontecimentos, de forma conduzida para irrem lembrando e também de forma espontânea.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | <p>3. Quais atividades promove usualmente para desenvolver a oralidade infantil?<br/>Contaço de história em grupo e individual com o objetivo de estimular a concentração atenção e pensamento crítico sempre com uma lição no final da história musicalidade ao cantar cantigas a criança desenvolve a linguagem pois expõe a criança a diferentes palavras sons e estruturas gramaticais além da imaginação e criatividade.</p>                                                                    |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Aula de musicalização com professor preparado para esta atividade, o qual utiliza-se de instrumentos musicais, caixa de som, microfones e músicas para este momento.</p> <p>Brincadeiras de roda, também brincadeiras dirigidas que envolvem a comunicação, o pensamento crítico e analítico.</p> <p>Atividades de sala e pátio em grupos, duplas e individual para observar a construção do diálogo e a evolução das palavras.</p> <p>Hora do conto em que a criança se torna o personagem, ou utiliza recursos para criação da imaginação e dessa maneira conta aos colegas e professora sua versão.</p> <p>Jogos de tabuleiros, trilhas e competição são atividades que também farão com que o desenvolvimento oral seja acrescido de forma gradual e constante nesta faixa etária.</p> <p>Rodas de conversa para relatos do final de semana. Apresentação oral dos temas realizados, passeios e momentos de descontração para socialização e comunicação informal sem condução de adultos.</p> |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <p>4 Em quais atividades registra maior envolvimento das crianças?</p> <p>Em rodas de conversas, relatos de acontecimentos, brincadeiras no pátio, histórias a serem contadas por eles, passeios, em danças, musicalizações, jogos de competição e desafios propostos</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | <p>4. Em quais atividades registra maior envolvimento das crianças?</p> <p>Tanto na contação de histórias quanto a atividade musical de cantar canções atrelada a dança às crianças demonstram envolvimento e interesse positivo em seu desenvolvimento.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <p>5. Como percebe a influência da família na oralidade, considerando a realidade das crianças?</p> <p>Percebo que a maioria das famílias não tem muitas preocupações quanto ao desenvolvimento da oralidade e outros aspectos cognitivos da criança, por terem ideias formadas na sociedade de que cada criança tem seu tempo. Mas ao serem questionados quando há algum atraso, preocupam-se, observam, nos trazem informações e juntos buscamos alternativas para que a criança não seja prejudicada. Desta forma então, há uma parte de pais que se preocupa, que questiona com está a aprendizagem, o comportamento. Dessa</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | <p>5. Como percebe a influência da família na oralidade, considerando a realidade das crianças?</p> <p>Desde os primeiros anos de vida os membros da família são os principais modelos linguísticos para as crianças desempenhando o papel fundamental no desenvolvimento da oralidade das crianças. Porém em realidade percebemos a falta da participação ativa da família principalmente quando se é realizada atividade familiar. A atividade não retorna com êxito, quando o registro retorna percebemos que a atividade, como por exemplo, a contação de história da sacola viajante, a família delega a uma terceira pessoa, como, madrinhas, primos e outros em</p> |

|                                                                                                                                                                                                                                                                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>forma, juntos com a escola buscam estarem a par de tudo que sua criança precisa. E a cada processo de aprendizagem, e construção de diálogo de seus filhos, ficam empolgados e buscam alternativas para que a oralidade e desenvolvimento continuem em progresso.</p> | <p>muitos casos, percebemos que a falta de tempo devido a carga horária de trabalho dos responsáveis não possibilita a realização das atividades propostas. Em alguns casos nota se desinteresse das famílias. Algumas crianças dessa faixa etária ainda não se comunicam com clareza e objetividade, outras, no entanto se expressam com palavras chulas, demonstrando a realidade vivenciada no dia a dia.</p> |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Fonte: Autora (2024)

### C - QUADRO No. 2 - Dados das observações na EMEI Glênio José Fernandez Pinto

Segue o relato das observações feitas *in loco* na turma do maternal, com crianças de 3 anos, num total de 11 alunos em sala, 2 monitoras (“C” e “F”) e 1 professora titular (“X”).

| <b>MOMENTO DA ACOLHIDA DA TURMA DE EDUCAÇÃO INFANTIL</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>No início da rotina houve uma conversa descontraída entre as monitoras e alunos, enquanto a professora “X” titular organizava seus materiais para a aula.</p> <p>A monitora “F”, questionou a aluna “A”:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Você escovou os dentes hoje? E a aluna respondeu:</li> <li>- Sim, mas a mana não escovou.</li> </ul> <p>A partir disso alguns alunos interagiram com a monitora que seguiu questionando mais alguns alunos, até que o aluno “B” respondeu:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Eu não gosto de escovar os dentes! (e deu uma gargalhada)</li> </ul> <p>A Monitora logo orientou que é importante a escovação, para os dentes ficarem limpos. Os alunos riram e seguiram aleatoriamente cada um falando algo sobre a escovação (conversa entre eles). A seguir, as monitoras “C” e “F” pediram silêncio pra turma, para prestarem atenção na professora titular....</p> |

Fonte: Autora (2024)

### D - QUADRO Nº 3 - Observações do desenvolvimento da aula pela professora titular na EMEI Glênio José Fernandez Pinto

Continuam neste próximo quadro os relatos das observações, sobre as práticas realizadas pela professora titular da escola pública.

| <b>PRIMEIRA OBSERVAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DA AULA</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>A profa. “X” iniciou sua aula com a seguinte pergunta:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Quem quer ouvir uma história bem legal? E a maioria das crianças, levantou a mão respondendo:</li> <li>- Sim.</li> </ul> <p>Professora “X” indagou ainda:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Alguém conta historinhas pra vocês?</li> </ul> |

E dos presentes em aula, apenas 7 são bem falante e responderam:

- Sim.

E o restante não responderam nada, então a professora questiona mais:

- Quem é que conta histórias pra vocês?

Os 7 alunos que seguem na interação e fala e responderam ao observar o primeiro falar, seguindo na mesma ideia:

- A “profe”

Professora mais uma vez argumenta:

- A “profe” sempre conta, mas quem é que conta em casa pra vocês?

Aluna “P” responde:

- A mamãe conta.

E professora, logo repete:

- A mamãe conta, que legal!

Então a professora pergunta pra aluna “P”:

- E a sua vovó conta história pra você “P”?

Aluna “P” responde balançando a cabeça afirmativamente.

E após essa abertura de conversa da professora “X” com os alunos ela questionou a todos se sabem ouvir. E então pediu silêncio e atenção para iniciar a história que foi narrada com recurso de palitoches (figuras em palitos de churrasco), e durante a narrativa a profa. foi questionando sobre os personagens da história, o nome da história, o que aconteceu. Nem todos interagiram, ficaram apenas na observação e os que responderam, a professora parabenizou, por exemplo:

- Isso aí, acertou, muito bem!

E aos que não responderam ela reforçou e pediu para o aluno repetir a palavra.

As crianças conversaram entre elas durante todo o tempo da rotina e principalmente quando usaram brinquedos, danças, jogos, livros e brincadeiras livres. Notou-se que os mais falantes ajudam os mais tímidos no diálogo, orientando uma resposta para participarem das propostas e também explicam como e o que devem fazer nas situações do momento.

A interação dos alunos com as professoras desta turma, acontece durante todo tempo. Como também entre as crianças.

Quando a professora os provocava, ficavam com olhar curioso e os mais falantes tentavam responder de forma clara e correta e outros já aguardavam para ouvir. Sendo assim a professora provocava os demais, dando algumas dicas do que é o assunto, objeto, atividade e brincadeira a ser realizada.

Notou-se que as crianças, em sua maioria, pedem ajuda em situações de conflitos, como por exemplo quando um amigo não quer brincar junto, quando necessita de algo, ou não consegue realizar uma atividade com autonomia. A criança vai até a professora e verbaliza:

- o, “Profe”, o “J” não quer brincar comigo.

- “Profe”, o “J” me bateu”.

- “Profe”, quero água.

- “Profe, quero fazer xixi/cocô”.

- “não quero dançar”.

- “não consigo fazer isso”. (por exemplo num desafio orientado, ou um desenho solicitado, ou também um movimento de dança), outras apontam para o que aconteceu, mostrando com o dedo o colega, a garrafa de água, o banheiro, o pátio para brincarem, entre outras coisas que necessitam, para as monitoras ou professora que indaga a mesma para falar, por exemplo:

- Fala o que você precisa.

E se a criança aponta, ela reforça dessa maneira:

- Quer água? É isso que você precisa? Água?

E criança balança a cabeça que sim. Então, a professora pede pra ela repetir. Mas na maioria das vezes a criança não tenta e não reproduz novamente, somente observa.

Durante as atividades propostas, as crianças mais falantes tentam realizar e ao não conseguirem, pedem ajuda, questionam as cores, os tamanhos, os objetos, os personagens da pintura, e o que está sendo proposto de registro. As crianças tímidas são orientadas individualmente justamente por não questionarem nada durante os registros.

Também foi notória a manifestação de sentimentos das crianças mais falantes, e as mais tímidas demonstravam pelo semblante e nesses casos, eram questionadas pelas monitoras ou professora e assim conseguiam dialogar e encontrar soluções para lidarem com tais emoções.

## **SEGUNDA OBSERVAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DA AULA**

Numa manhã ensolarada, cheguei para a observação, as crianças estavam assistindo desenho no telão enquanto a professora organizava o espaço externo da sala para realizarem uma pintura na parede com tinta guache. A professora perguntou a turma o seguinte:

- Quem quer ir lá fora desenhar e pintar com tinta a parede?

Crianças ficaram animadas, eufóricas e gritavam e alguns responderam:

- Quero, outros, - Sim, outros,- Vamos, e dois vibraram: - heee!.

Professora pediu para se organizarem e então saíram para fora, chegando no espaço a professora e a monitora entregaram os pincéis e explicaram que podiam desenhar e pintar do jeito deles.

- Aluno "O" disse:

- Vou fazer um dinossauro pequeno.

Então a professora falou:

- Pode pintar, podem fazer um desenho que vocês gostam, pode fazer uma flor, pode fazer um passarinho.

E todos começaram a falar o que iriam fazer.

Aluna "E" falou:

-Vou desenhar um cachorro.

Aluno "R" feliz argumentava:

- Eu vou carimbar minha mão.

Aluno "Y" por se autista não verbal, demonstrava-se alegre, sorridente, corria, usava o pincel, pintava, usava as mãos e carimbava imitando o colega.

Duas meninas, estavam concentradas em pintarem com delicadeza as flores que a professora havia desenhado, e entre elas conversavam, aluna "A" falou assim:

- Vou usar a cor rosa.

E a outra aluna "C" falou:

- Quero a cor vermelha.

Então a aluna "A" exclamou o seguinte;

- Temos que pintar bem direitinho, pra ficar bonito o desenho.

A aluna "A" questionou a professora:

- Olha profe, está bonito?

E a professora elogiou:

- Está lindo, sim.

O aluno "I" veio até onde estava a pesquisadora a observar e gravar e me falou:

- "Ta" muito "cololido".

A pesquisadora argumentou:

- Bem colorido. Reforçando a palavra COLORIDO, e ele então seguiu sua pintura.

|  |
|--|
|  |
|--|

Fonte: Autora (2024)

## E - QUADRO Nº 4

Observações no momento da acolhida na Escola de Educação Infantil Mundo da Criança

Relato das observações feitas *in loco* na turma do Pré A, com crianças de 4 e 5 anos, num total de 13 alunos em sala, 1 auxiliar (“G”) e 1 professora titular (“R”).

|                            |
|----------------------------|
| <b>MOMENTO DA ACOLHIDA</b> |
|----------------------------|

|                                |
|--------------------------------|
| <b>DESENVOLVIMENTO DA AULA</b> |
|--------------------------------|

Ao observar os momentos de rotina da turma, notou-se interações espontâneas entre as crianças constantemente. Na chegada à escola, 45 minutos são reservados à recepção dos alunos para escolherem uma atividade e que varia diariamente entre jogos de mesa, massinha de modelar, brinquedos da sala, escolha livre do aluno e também o dia do brinquedo de casa.

Nesse período, as professoras recebem os que já chegam falando:

- Boa Tarde “profe”, boa tarde colegas!
- Oi “profe”, tudo bem? Oi amigos!

E já se direcionam à auxiliar ou professora sobre qual é a recepção do dia, se organizam e logo iniciam contando muitas novidades às professoras e na medida que chegam os demais colegas, interagem muito conversando.

A organização para início da rotina com os alunos significa guardar o que estavam utilizando e são direcionados ao banheiro, voltam e há diálogo diretamente com as professoras da turma. A professora sempre inicia dizendo:

- Boa Tarde turma, como vocês estão?

Todos em alto tom respondem:

- Boa tarde, estou bem.

Fonte: Autora (2024)

## F - QUADRO Nº 5

Observações do desenvolvimento da aula realizada pela professora titular na escola de Educação Infantil Mundo da Criança

Continua neste quadro os relatos das observações onde constam o percurso das práticas realizadas pela professora titular da escola particular.

|                                |
|--------------------------------|
| <b>DESENVOLVIMENTO DA AULA</b> |
|--------------------------------|

Assim a professora direciona a fala a cada aluno, perguntando:

- O que você nos conta de novidade e como foi teu final de semana? Conta pra nós que iremos te ouvir:

Assim cada um conta e a turma e professoras escutam.

Aluno “V” contou: - não “se” lembro.

A professora fez alguns questionamentos como:

- Você não lembra? ... me diz se brincou, passeou, fez atividades com a mamãe, os temas, o que você fez?

Ele respondeu:

- Me lembrei, fiz os temas, brinquei de carrinho.

E a aluna “I” também contou:

- A “Lou” posou lá em casa, eu brinquei com ela de casinha, depois fomos comer um pouco, massa, batata frita e feijão e arroz.

O comentário da aluna, provocado pelas perguntas da professora, demonstrou que a aluna percebeu estar sendo gravada e ficou com vergonha.

Aluno “M” também se manifestou:

- Eu andei de “camionete” com meu pai e “ca” minha mãe.

Então a professora reforça a palavra corretamente:

- É camionete.

Aluno “M” responde:

- “camioneta”, também quando eu cheguei em casa, fim.

E assim prosseguiu o diálogo. Os alunos são bem curiosos, fazem muitas perguntas e sempre querem saber sobre o que a professora fez no fim de semana e onde passeou, e ela lhes responde.

Durante a rotina da turma, observou-se que a professora é atenta à fala, e sempre reforça as palavras e se necessário sonoriza para a criança escutar, mas não fala a criança que está errado, no momento que é dito a professora já observa e pede pra criança olhar a ela e ouvir para repetir corretamente.

Como descrito acima as crianças interagem a todo tempo, é uma turma muito falante, mas há mais diálogos espontâneos em momentos de descontração, no pátio da escola, quando usam a imaginação para brincarem, conseguem resolver conflitos entre eles, quando necessário chegam até a professora e comentam o que aconteceu ou pedem ajuda.

As crianças ao serem provocadas pela professora ficam curiosas, com olhos atentos e não demoram a perguntar, questionar e dialogar.

Todas as crianças desta turma se manifestam, tanto que é necessário a professora sempre orientar um a um e pedir silêncio e escuta da turma, respeitando a vez de falar.

Alunos tentam realizar tarefas sozinhos após escutarem as orientações recebidas, mas ao longo das tarefas, se necessário, chamam:

- “Profe”, eu não consigo, pode me ajudar?

Ou também:

- “Prof”, esqueci como faz, fala de novo.

- Quero fazer xixi.

- Quero beber água.

- Terminei a tarefa, o que faço agora.

São crianças que manifestam suas emoções, contam o que sentem, porque estão tristes, porque chorou, porque tomou certa atitude. Contam seus medos, sonhos e desejos.

A escola também propõe aula de educação física e musicalização e observou-se que essa proposta gera muita alegria e o entusiasmo. Na aula de musicalização a turma participou de uma proposta diferente: o professor trouxe instrumentos musicais e disse para prestarem atenção no que fariam. Aprenderam ritmo, tempo, escuta, som baixo e alto, espera e canto.

Iniciou falando assim:

- Vamos tocar os instrumentos bem baixinho dessa forma (tum tum tum, tum tum tum, tum tum tum, parou).

- Agora bem alto.

E neste momento as crianças riam muito e repetiam vocalmente o tum tum tum acompanhando o instrumento. Assim o professor pediu para usarem só a voz.

- Agora só com a boca, sem os instrumentos, vai!

E todos participaram falando:



- tumtumtum, tumtumtum, tumtumtum, 1, 2, 3 parou.

Há aulas em que o professor pede para cantarem uma música que gostam no microfone.

Observou-se que a professora oportuniza aos alunos narrarem histórias referente ao tema trabalhado na semana. Escolhe um ou dois alunos por semana e oferece recursos para a narrativa.

Aluno “S” fez a criação da história utilizando fantoches e ficou assim:

- “Era uma vez um porco, que foi brincar com seu amigo cachorro, se sujaram na lama, correram, jogaram futebol, e sentiram fome, daí comeram, tomaram banho e fim”.

Fonte: Autora (2024)

## TERCEIRA FASE DA PESQUISA-AÇÃO: EXPERIMENTAÇÕES DA PESQUISADORA

### G - QUADRO Nº 6

Experimentação na EMEI Glênio José Fernandez Pinto – Maternal II – 3 anos

Tema: Alimentação saudável. Atividade: Narrativa de história.

Objetivo: Conhecer os nomes das frutas, legumes e verduras.

Nesse dia estiveram presentes sete alunos em sala.

P: - Quem de vocês quer ouvir uma história bem legal?

Dos sete, apenas seis deles vieram perto de mim e responderam:

C- Sim!

OBS:O menino que está em processo de diagnóstico é não verbal, portanto, não ficava perto e nem respondia as perguntas. Ficou andando pelo espaço da sala a todo tempo, quando via algo do interesse chegava perto pra pegar os recursos disponibilizados e saia, mesmo sendo chamado e orientado a participar.

Após a narrativa da história “A cesta da Dona Maricota”, as crianças expressaram sentimentos de alegria, e iniciou-se um diálogo aberto e espontâneo. Foi um momento de liberdade interativa e propício para a observação. E foi dessa forma:

O aluno “L” falou para mim sorrindo:

C- Eu não gosto de “mio (milho), mas gosto de banana.

O aluno “D” falou assim:

C- “Pof”, eu gosto de abacate.

E a aluna “A” observava e não argumentava nada, até que perguntei:

P- E você “A” conta pra nós qual destes (mostrando as imagens a ela), você gosta?

Respondeu apontando o dedo para uma imagem e balançando a cabeça pra frente e para trás indicando sim.

Então reforcei a palavra “Melancia” para ver se ela repetia, mas não quis. Então segui observando as crianças na fala espontânea ao explorarem os palitoques.

As crianças, ao observarem as imagens das frutas reproduziam os nomes “banana, manga, abacate, beterraba, morango, abacaxi, alface, batata, cenoura, laranja, brócolis. Percebeu-se que na pronuncia destas palavras houve dificuldades com o fonema R.

No segundo momento propus a eles que ficassem em pé, já que estavam agitados e falei que iríamos brincar de “sacola misteriosa”: cada um poderia falar o nome dos objetos que retiraria dela, se soubesse; caso não soubesse estaria ali para reforçar a eles para que aprendessem. Feito o suspense, disse:

P- Dentro desta sacola esta algo muito legal! Vamos descobrir?

Crianças ansiosas pelos objetos, todos participaram, e descrevo a fala de um dos alunos, quando tirei da sacola um microfone.

Aluno “M” falou:

C- Um “micofone” deixa eu “canta”.

Alcancei pra ele e cantou a música do baby Shark (Bebê tubarão) em português, mas que pelo ritmo percebe-se que as crianças tentam reproduzi-la em inglês mesmo sem saber falar inglês da forma correta. Conclui-se que esta geração, reproduzem os desenhos animados.

A brincadeira seguinte foi justamente a **Cante uma Música**, aproveitando o momento, mas aí houve um dilema, o menino que estava com o microfone não queria emprestar pra ninguém, começou a chorar, nem para as professoras entregava, agarrando sem soltar, então quase todos começaram a chorar e querer cantar. Decidimos terminar por ali a prática deste dia. Enquanto as professoras organizavam as crianças que choravam, juntei os materiais, ajudei a acalmá-los e finalmente conseguimos guardar o microfone. Expliquei que não era preciso o choro que todos iriam participar e estava tudo certo. Pedi com licença e me despedi deles, e combinamos que em outro dia retornaria lá pra fazermos outras brincadeiras. Eles estavam tristes pelo que havia acontecido.

Em outro dia, cheguei na escola para dar continuidade às propostas de ação da pesquisa, ao entrar na sala a professora estava contando uma história aos alunos “A festa no céu”, aguardei o encerramento e observei a concentração e expressões das crianças, estavam atenciosas e felizes neste momento. Após a professora contar, fiz uns questionamentos assim:

P- Quem eram os personagens da história?

Aluna “V” respondeu:

C- Tartaruga, borboleta e macaco.

A professora observou a fala dela e continuou:

P- Que animais voam?

Aluno “D” falou:

C- A tartaruga não voa “pof”.

P- A tartaruga não voa, mas quem voa então?

Aluna “V” respondeu: - A borboleta.

Aluno “L” disse: - Galinha voa.

Professora comentou que a galinha voa, mas que bem baixinho.

Após o término dos comentários sobre a história, a professora explicou a eles o que eu faria, como deviam se comportar e que era para prestarem atenção.

Ao cumprimenta-los com Bom dia, crianças! eles abriram um sorriso lindo e todos responderam novamente um bom dia alegre e esperançoso. Menos o aluno não verbal. Expliquei que iria organizar um espaço com muitas coisas para brincarmos. Todos sentados aguardaram, com a professora, observando o espaço que estava sendo preparado (potes de iogurte, potes de plástico de diferentes tamanhos, tampas de sorvete, esponjas, caixas de sabonete, tampas de garrafas pet, pedaços de papelão, gravetos, pedrinhas, terra, folhas de árvore, grãos de milho, feijão). Durante a organização do espaço provocativo, a professora se empolgou e começou a perguntar às crianças o que eles estavam vendo, adiantando-se na proposta da pesquisadora. Ela observou que não era pra falar, mas sim as crianças, pedindo desculpas por ter iniciado a argumentação. E respondi ela que não tinha problema, estava tudo bem pois o processo era participativo.

A atividade foi desencadear a expressão oral espontânea a partir do espaço organizado com materiais de sucata e elementos da natureza, preparado para observar a criatividade, dialogo e imaginação dos alunos. A ideia inicial foi a pesquisadora apenas convidá-los para o espaço, sem provocações orais. As crianças foram correndo, animados, explorar todos os materiais ali disponibilizados, com calma, atenção e paciência.

Observei nesse segundo dia que os alunos estavam mais comunicativos.

Um deles falou:

C- “pof”, vou “faze” um “guti” pra você? E organizou e levou até a professora, argumentando a ela;

C- “pof” come tudo pra “fica” “fote”, ta, come.

P- Está bem vou comer, e vou ficar forte.

Enquanto este dialogo acontecia, vi muitos sentados em silêncio explorando os materiais, então sentei com eles e comecei a interrogá-los:

P- O que vocês estão fazendo? o que tem no seu pote?

C “T”- No meu pote tem terra, pedra, esponja, e graveto, isso é uma sopa de muitas coisas misturadas “prof”.

P- Mas que legal, boa ideia, você foi bem criativo, adorei!

Ele ficou contente e foi contar aos colegas. Chegou até mim a aluna “V” me mostrando seu pote: P - O que você fez aqui?

C- Eu fiz um iogurte de morango, você quer um pouco?

P- Sim, quero, vou experimentar se está gostoso.

Observei o aluno não verbal e estava brincando com rolinhos de papel higiênico e tampinhas, colocava as tampas dentro e tirava, empilhava, ao cair ele chorava, arrumava de novo, caia e chorava, fui ajudá-lo, mas não olhava pra mim e nem falava, apenas pegava minha mão para que eu pudesse ajudá-lo, quando peguei mostrei a ele e falava o nome do objeto, mas ele não olhava, estava concentrado, mesmo assim apontei a ele e reforcei o nome dos objetos.

Esta proposta rendeu muita concentração pela turma e quiseram ficar brincando por muito tempo. Fiz uma proposta: P - Quem ajuda a profe a guardar bem rápido, vamos ver? dessa forma foi divertido e eles colaboraram. Lavaram as mãos e convidei-os a passear pela escola, que é bem grande e tem muitas opções de observação. Ao sair da sala, paramos no pátio e perguntei:

P- Quem sabe me dizer o é isso?

C - Aluno “D” - uma casinha para brincar. E saiu correndo e entrou nela, todos foram lá, abriam e fechavam as portas e janelas.

Convidei para seguirmos o passeio e me mostrarem o que mais havia por lá, por estar frio, fomos até uma cerca e observamos de longe a pracinha.

Aluno “D” disse:

C- “pof” vamos lá, tem escorrega, balanço é bem legal.

Mas a professora respondeu a ele:

P- Hoje não podemos, está muito frio!

C- Que pena. Olha lá tem um carro preto, outro cinza.

Com isso, voltamos à sala, e propus para desenharem o que haviam visto durante o passeio, usando folha branca, lápis de cor e giz de cera. Sentados na cadeira começaram a desenhar, enquanto desenhavam falavam nome das cores e o que iriam fazer. E fui observando a todos. Até que chegou a hora de finalizarem e apresentarem seus trabalhos. Todos falaram algo, mas o que destaquei aqui foi o que falou o aluno “D”: - Eu fiz um portão, cerca, pracinha com escorrega, uma barata, o sol e as nuvens.

Ao falar exatamente o que viu, os demais bateram palmas. Então parabeneizei a todos pelos desenhos e participação nas propostas. Me despedi e ganhei muitos abraços.

## H - QUADRO NO. 7

EXPERIMENTAÇÕES DA PESQUISADORA NA ESCOLA EDUCAÇÃO INFANTIL  
MUNDO DA CRIANÇA

Introduziu-se a proposta a partir de um projeto que a turma estava iniciando com a professora titular, sobre o tema Profissões “Quando crescer poderei ser?”

Primeiro momento foi de questionamento:

O que é “profissão”?

Aluno “B” respondeu:

- Hum, não sei.

Aluno “H” respondeu:

- É trabalho profe.

E o restante não sabia definir esta palavra desconhecida, pois a aluna “G” virou pro colega e falou:

- Profissão, o que é isso?, e riu, achando engraçado.

Da mesma forma, um aluno reagiu sorrindo e disse:

- Não sei também!

Desta forma organizou-se a turma para que prestassem atenção na explicação e na história para descobrirem o que era a palavra Profissão.

Ao longo da história a turma foi se dando conta de que a profissão tinha a ver com adultos, com trabalho do pai, da mãe. Observou-se que estavam confusos por não saberem qual a profissão de seus pais.

Após o término da história perguntou-se: - E agora, quem sabe o que é profissão?

Todos levantaram as mãos e queriam falar. Oportunizou-se a fala de um a um para ouvir a respostas de todos. E esta foi uma delas, da aluna “I” que disse:

- Profissão é “cabeleleira”, igual minha mãe, ela trabalha com minha irmã que faz maquiagem e cílios lá no salão que é da mana!

Deu-se o retorno:

- Ótima resposta! então pessoal, profissão é exatamente isso, um trabalho, e pra nós sabermos o que cada trabalhador faz existe um nome da qual cada um de nós ouviu na história. Olhem só: Bombeiro, Pedreiro, Policial, Cabelereira, Médico, Professor, Dentista, Cantor, Jogador de Futebol e muitos outros que iremos conhecer.

Após esse diálogo com a turma, na qual despertou muitos interesses, houve o convite a desenharem algumas profissões que apareceram na história, e conforme iam desenhando, falavam aos colegas: O aluno “S” disse:

- Eu estou desenhando policial, bombeiro e padeiro, só três que consigo e gostei.

Aluno “E” respondeu também:

- Eu vou desenhar um policial igual meu pai e minha mãe, porque eles trabalham na brigada militar, vocês sabiam colegas, minha mãe é uma policial, é muito legal!

Após desenharem, cada um pode falar o nome das profissões que desenhou na folha.

Empolgados convidou-se dois alunos para que fizessem uma contação de história pra turma do jeito que quisessem, bem criativa e legal! Relembrou-se à turma que sempre iniciassem a história criada com “Era uma vez”.

Usaram recurso de gravuras, palitoches e brinquedos:

E ficou assim a história:

“Era uma vez, um bombeiro, que ele, ele foi resgatar uma pessoa, que estava presa num prédio, ele pegou a água e chué, chué e apagou o fogo e daí, e daí ele salvaram o dia”.

Transcreveu-se exatamente como a criança falou nesta criação textual. Enquanto a outra criança apenas alcançou os objetos e gravuras ao colega que narrava.

Aplaudidos, saíram faceiros e sorridentes por terem criado uma história, e um dos colegas falou e todos repetiram a eles:

- Muito legal a história de vocês.

E agradeceram:

- Obrigada.

A turma tinha outros compromissos, então finalizou-se esse momento de interação.  
(Obs: História narrada foi: Bombeiro em ação para salvar o dia)

Fonte: Autora (2024)

## I - QUADRO no. 8

Contexto mediante visita técnica 1 e 2 – Tema “Cabelereira” e “pedreiros”

Num próximo momento, nos organizamos e fomos visitar um salão de beleza cuja localização foi um pouco distante da escola, porém, durante o percurso a alegria era constante, e o diálogo entre eles acontecia com intensidade. Andando pela calçada, observavam os lugares e todos os alunos tinham algo para comentar sobre algum lugar.

Aluno “P” falou:

- Olha “profe”, aquele lugar é onde minha tia mora, bem lá no alto, minha tia “Duda”, ela é a irmã da minha mãe, eu já fui ali.

E seguindo, alunos viram o posto de gasolina.

Aluno “M” disse:

- Profe, eu vim com meu pai no posto, pra comprar pastel.

Seguindo o caminho, atravessamos a rua e passamos pela Brigada Militar.

Aluno “E” falou:

- Colegas, amigos, é aqui que minha mãe trabalha, olhem, é muito legal, essa é a brigada militar, é muito legal, amigos.

E seguindo passamos por uma empresa.

Aluno “S”, olhou, observou e falou:

- Mas aqui é onde meu pai trabalha, na Gasol, é aqui “profe”, nós vamos ir aqui? Meu pai está ali...O pai do aluno ouviu e saiu ao ouvir a voz do seu filho. E perguntou à turma o que estavam fazendo, passando para aqueles lados, assim responderam as crianças:

- Estamos indo no salão, conhecer a cabelereira, lá onde a mãe da “I” trabalha.

E ele falou as crianças:

- Bom passeio pessoal, até logo mais então.

Chegamos no salão, os alunos já falavam que foram lá pra conhecer a profissão de cabelereira, porque estavam aprendendo sobre as profissões.

Foi um encanto, eles dialogavam com as mulheres do salão, e o aluno “H” perguntou:

- Mãe da “i” o que você mais gosta de fazer nos cabelos?

A cabelereira respondeu:

- A, eu gosto de fazer penteados, arrumar os cabelos das meninas e mulheres que vem aqui no salão.

Aluno respondeu:

- Muito legal seu trabalho, adorei.

E observavam, perguntavam nome dos objetos e foram convidados a arrumarem os cabelos.

Aluno “E”, adorou o penteado que até falou pros colegas:

- Ninguém mexe no meu cabelo, tá bom? está bem arrumadinho, por favor, não encosta no meu cabelo!

Todos ficaram bem arrumados e prontos para retornarem à escola. O retorno também nos rendeu bons diálogos, observações e diversão. Paramos em frente a uma padaria, olhamos, aprenderam que lá trabalham padeiros e confeitores, passamos por uma construção, e perguntaram se eram construtores e disse a eles que sim, mas que o nome destes profissionais chamamos de pedreiros.

Aluna “G” disse:

- Pedreiros, porque? É porque carregam tijolos, profe?

- Não é porque carregam tijolos, mas é esta profissão que constrói casas, prédios, hospitais e escola.

Chegamos na escola, se organizaram e foram descansar devido o longo trajeto, beberam água e foram brincar livremente.

Na saída pra casa contavam aos pais do passeio e diziam que tinha sido muito legal!

### **CONTEXTO DE VISITA TÉCNICA 2 – TEMA “PEDREIROS”**

Em um outro momento de interação com a turma o Pré A II, fomos realizar uma prática de uma das profissões que estavam a estudar também, sobre a profissão Pedreiros, alunos já haviam levado pedrinhas solicitadas pela professora para uma construção, mas eram poucas, então sugeri que fossemos até a frente da escola caminhar e procurar mais pedrinhas, todos concordaram e dirigiram-se para fila e saímos, e ao encontrarem falavam:

- Achei, que linda esta, vou levar, amigo olha aqui q que achei.

Seguiam a procurar e estes eram os diálogos:

- Eu achei uma bem pequena.

- Eu achei uma pedra especial.

- Eu achei uma pedra brilhante.

E por aí seguiu, ao retornarem para sala, perguntaram como iriam fazer a construção sem o pedreiro?

Então expliquei que o pedreiro convidado não poderia ir naquele dia e que iríamos ter que prestar atenção na professora pesquisadora para fazermos um bom trabalho.

Ensinei a eles como preparar a massa de cimento, sendo a palavra “cimento” desconhecida por eles, então mostrei o pó e como fica misturado na areia e água. E que os ingredientes juntos formavam uma massa para construção, e com esta massa poderíamos pensar que seria como uma cola que usamos para colar os trabalhos da sala.

Desta forma, cuidadosamente, observou-se os alunos a fim de captar seus argumentos durante a proposta da construção. Até que não demorou para iniciarem as falas. O aluno “B” falou:

- Preciso de ajuda, não estou conseguindo grudar a pedra “profe”.

Depois de montada, levamos ao sol para secar, fizemos a finalização com telhados e as crianças amaram ver o que haviam construído, expressando-se felizes e gratos por terem aprendido.

E pra finalizar esta prática os alunos convidaram seus familiares para participarem como pintores da construção deles. E assim aconteceu, a família compareceu no final da tarde na escola e realizaram a pintura, e a conversação aconteceu, como pintar, que cor, onde, e as crianças ensinavam os pais e enfatizavam que eles tinham construído a casa.

Fonte: Autora (2024)

~~~~~